

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Programa de Pós-Graduação em Antropologia

**O Quinto Elemento do *Hip Hop*: O percurso dos manos do Bairro Mário
Quintana em Porto Alegre**



Diogo Raul Zanini

Pelotas, 2017

Diogo Raul Zanini

**O Quinto Elemento do *Hip Hop*: O percurso dos manos do Bairro Mário
Quintana em Porto Alegre**

Orientador: Prof. Dr. Mario de Souza Maia

Coorientador: Prof. Dr. Francisco Pereira Neto

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de Pelotas, com requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

Z31q Zanini, Diogo Raul

O quinto elemento do hip hop : o percurso dos manos do bairro Mário Quintana em Porto Alegre / Diogo Raul Zanini ; Mário Maia, orientador ; Francisco Pereira Neto, coorientador. — Pelotas, 2017.

92 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Hip hop. 2. Diáspora afro americana. 3. Território. I. Maia, Mário, orient. II. Pereira Neto, Francisco, coorient. III. Título.

CDD : 306

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Banca examinadora:

Prof. Dr. Mario de Souza Maia (UFPel)

Prof. Dr. Francisco Pereira Neto (UFPel)

Prof. Dr. Flávia Rieth

Prof. Dr. Laura Lopez (UNISINOS)

Prof. Dr. Luis Fernando Hering Coelho (UFPel)

Agradecimentos

Chegado o momento de fechar mais um ciclo importante em minha vida. Jamais teria conseguido se não contasse com a ajuda de muitas pessoas que contribuíram de uma forma ou outra para a realização deste trabalho. Desde me convidar para um passeio, um churrasco, me escutando em momentos bons e ruins, compartilhando conhecimento e me estimulando nos momentos difíceis a não desistir. Começo agradecendo, então, algumas pessoas do Movimento Hip Hop em Porto Alegre, região metropolitana e Rio Grande do Sul cuja amizade e respeito me trouxeram muito mais que conhecimento e motivaram a fazer e concluir essa dissertação. Obrigado Dano (é nós), Chapa Halls, Quebrado, Nego Dé, Catatau, Fubu, Cristiane Évis, Paloma, Mário, Renato, Ong SUVE, Ong Tribo de Leão, Dj Nick Love, e todas as pessoas do bairro Mário Quintana que participaram de alguma forma desse processo. Agradeço ao Duda, Espanto, Jukinha, Séia, Malu, Mano Oxi, Batalha, Gangster, Sinistro, Péh... Ao pessoal do Hip Hop em Pelotas, Mano Rick, Davi, Vagner, Alexandra, Luan, Alemão, DMix Charme, J. Will, e demais amigos e amigas da cidade, sendo da UFPel ou não: Giovane Lessa, Paula, Raquel, Maysa, Edilene, Lúcio, Cristiano, Agnes, Marlon, Jonathan, Fabrício, Renatinha, e Priscila.

Não posso deixar de mencionar e agradecer aos meus e minhas colegas da turma 2015 no PPGAnt: Andresa, Bruno, Lidiane, André, Thaise, Helô, Nicole, Jonatas, Cláudia, Rosi, Letícia, Ângela, e em especial ao meus grandes amigos Admilson e Carolina!

Aos professore(a)s do Programa agradeço por todo empenho e cuidado com que tiveram comigo e meus colegas, com certeza vivemos momentos muito produtivos e alguns de dificuldades, que fazem parte da vida: Adriane, Cláudia, Flávia, Louise, Renata, Rosane (começamos junto este trabalho e obrigado por tudo, aprendi muito contigo), Jorge (grande amigo que me ensinou muito sobre a luta anti colonial) e aos professores que compõem a banca de avaliação dessa dissertação: meu orientador prof. Mário Maia que sempre me motivou com suas pertinentes considerações, sua energia contagiante e seu espírito acolhedor, ao meu coorientador prof. e grande parceiro Francisco Pereira Neto, ao prof. Luis Fernando Hering Coelho, e a Prof. Laura Lopez por aceitar contribuir mais uma vez na minha caminhada acadêmica. Agradeço a Thaise, secretária do programa, que com muita competência e paciência presta um serviço de qualidade. Nesse sentido agradeço também os/as servidoras técnicos administrativos, e trabalhadores terceirizados que mesmo com a precarização de salários e de condições de trabalho, nos oferecem um serviço público digno, fazendo a universidade acontecer no dia-a-dia. Agradeço a CAPES por investir em ciência e educação, num país que possui uma dívida histórica com a maioria da sua população, e que sem a bolsa de estudos teria tornado esse trabalho inviável.

Agradeço aos meus amigos e amigas Alexandre Lima (que me acompanhou desde o início dessa caminhada), Jardel, Flávio, Bruno, Indira, Cauê, Tatiana, Junara, Luanda, Alexandre A., David, Deivid, Lucas, Marco, Rafa, César, Tiagão, Tiago, Presunto, Mestre Chico, Mestre Caco, Juarez, e todo povo do movimento que tomo como referência não só pra questões acadêmicas, mas para tudo na vida...

Agradeço aos meus amigos espalhados por esse Brasil e pelo mundo, e que, mesmo na distância, sempre botaram fé em mim.

Aproveito também para agradecer minha família: meu avô, meus pais e irmãs, sobrinho e sobrinhas, minha filha Yasmin e Paulinha pela amizade!

Desde já obrigado por tudo e me desculpem qualquer coisa! *Tamu Junto!*

E por fim agradeço toda a população brasileira que sua todo o dia para se manter, consequentemente mantendo de pé esse país desigual chamado Brasil.

Resumo

A presente Dissertação propõe se debruçar sobre o Movimento Hip Hop em Porto Alegre/RS a partir do bairro Mário Quintana e da circulação dos ativistas do bairro pela cidade, abordando-o a partir dos estudos das diásporas negras. A criação do Fórum Permanente do Hip Hop em Porto Alegre resultou da necessidade do movimento em participar da formulação e implementação de políticas públicas específicas voltadas para promoção da igualdade racial, geração de renda, educação, cultura, autoafirmação, entre outras demandas sociopolíticas. Tais políticas se contrapõem à lógica da periferização da população negra e pobre e do racismo estrutural.

Tendo como ponto de partida o Movimento Hip Hop do Bairro Mário Quintana, a proposta deste trabalho é acompanhar os ativistas do movimento em sua relação com o bairro, com os territórios em que residem e atuam, os eventos que eles constroem no bairro e com grupos e coletivos de outros bairros da cidade e do Estado do RS. Analisando, nessa perspectiva, a mobilidade desses ativistas pelo bairro Mário Quintana e para outros pontos da cidade e a relação com a construção de políticas públicas para o bairro, a cidade e o movimento Hip Hop.

Abstract

This dissertation proposes to focus on the Hip Hop Movement in Porto Alegre / RS from the neighborhood Mário Quintana and the movement of the activists of the neighborhood through the city, approaching it from the studies of black diasporas. The creation of the Hip Hop Permanent Forum in Porto Alegre resulted from the movement's need to participate in the formulation and implementation of specific public policies aimed at promoting racial equality, income generation, education, culture, self-assertion, among other sociopolitical demands. Such policies contradict the logic of the peripherization of the black and poor population and of structural racism.

Starting from the Hip Hop Movement of the Mário Quintana Neighborhood, the purpose of this work is to accompany the movement's activists in their relationship with the neighborhood, the territories in which they reside and act, the events they build in the neighborhood and with groups and collectives from other districts of the city and the State of RS.

Analyzing, from this perspective, the mobility of these activists in the neighborhood of Mário Quintana, and to other parts of the city, and the relation with the construction of public policies for the neighborhood, the city and the Hip Hop movement.

Sumário

Introdução.....	09
 Capítulo 1: O Movimento <i>Hip Hop</i> no Bairro Mário Quintana	
1.1 Reflexões sobre o fazer etnográfico e a relação com o Hip Hop.....	16
1.2 Breve contextualização do Bairro Mário Quintana.....	29
1.3 “Qual a tua caminhada”: percursos dos “manos”.....	35
1.3.1 Nêgo Dano – grupo <i>Rap D’Rua</i>	37
1.3.2 Chapa Halls – grupo <i>Alvo X</i>	38
1.4 Entre o “Mário Quintana” e a diversidade das vilas: Deslocamentos Territoriais e afetivos.....	41
1.5 Quilombo Favela.....	46
1.6 Os Coletivos do Bairro.....	47
 Capítulo 2: Mobilidade Diaspórica e o Movimento <i>Hip Hop</i> em Porto Alegre	
2.1 Pensando Diásporas.....	49
2.2 O Ensaio de Rua como elemento diaspórico.....	59
2.3 Batalha.....	65
2.4 Slam.....	68
2.5 Cypher.....	69
 Capítulo 3: O <i>Hip Hop</i> e a Universidade: Por uma Universidade Diversa	
3.1 Seminário de <i>Hip Hop</i> na UFRGS.....	71
3.2 A Luta pelo Acesso e Permanência das Políticas de Ações Afirmativas.....	80
3.3 É viável uma Antropologia do Estereótipo?.....	83
 Considerações Finais.....	 87
 Bibliografia.....	 91

Introdução

Neste ano de 2017 se comemoram os 40 anos do surgimento do Hip Hop. Aproveitando a data emblemática a franquia de seriados NetFlix lançou em 2016 a série de *“The Get Down”*. Essa série mostra como o *Hip Hop* surge em meados da década de 1970, nos Estados Unidos. O contexto é a cidade de Nova York, no bairro *Bronx*. A série mostra um bairro habitado por uma maioria de população negra e de imigrantes (a maioria caribenhos). O bairro está abandonado pelo poder público, onde acontecem muitos incêndios intencionais a fim de condenar os prédios à demolição, ganhar alguma indenização, reurbanizando o bairro. Esse processo de reurbanização do *Bronx* o tornou uma zona de guerra. O seriado mistura imagens de época com as cenas filmadas em 2016. Esse jogo de imagens e épocas dá uma dimensão histórica do que foi viver no *Bronx* nos anos 1970. *The Get Down* nos apresenta a possibilidade de entendermos como surgiram e se unificaram os quatro elementos do *Hip Hop*. Combinando personagens ficcionais com os personagens reais como o DJ Master Flash, Afrika Bambaata entre outros. A série nos mostra aquilo que corriqueiramente escutamos dos ativistas do *Hip Hop* no Brasil, de que o mesmo *Hip Hop* surge como um movimento que, no princípio, tinha como proposição equalizar os conflitos entre jovens negros moradores de bairros de periferia na cidade de Nova York. Esses jovens eram tanto estadunidenses como imigrantes de países caribenhos, como a Jamaica e Porto Rico. Nesse sentido, o Movimento *Hip Hop* já se inicia como um movimento diaspórico, ou seja, do encontro de populações negras produzido pela dispersão de africanos para e entre o continente americano, e dos fluxos negros contemporâneos. Foi acolhendo essas diversas culturas negras nesse encontro diaspórico nos EUA que o *Hip Hop* ofereceu a possibilidade de mediar os conflitos entre grupos diferentes, mas que compartilhavam uma história comum (a experiência afro-americana em um contexto racista e desigual). Essa diversidade social no mundo diaspórico produziu expressões culturais de norte a sul das Américas tais como: Maracatu, Samba, Soul, Jazz, Reggae, dentre outras expressões musicais e culturais e também deram as bases para o surgimento da cultura e do movimento *Hip Hop*. Como veremos, o *Hip Hop*

nessa perspectiva surge por meio de diferentes formas de expressões que se cruzam e se complementam, vindo a originar os quatro elementos que o constitui: *Break Boy* (dança), *Grafitti* (pintura e artes plásticas), *Rap* (do inglês *rhythm and poetry* - Ritmo e Poesia, a música tocada, letrada e rimada pelos rappers) e o *Dj* (*Disc Joquey*, o elemento que produz e toca as bases instrumentais das músicas).

Com forte influência dos movimentos negros da década de 1960 e da cultura de rua, o movimento *Hip-Hop* construiu ética e estética inovadoras para a juventude pobre, moradora das periferias das cidades, com o intuito de se colocar como alternativa ao modo de vida dos jovens, valorizar a cultura popular e as diferenças étnico-raciais. Esses subúrbios constituem verdadeiros guetos, nos quais incide todo tipo de problema: pobreza, violência, racismo, tráfico de drogas, carência de acesso a bens e serviços. (COSTA e MENEZES, 2009, p. 200)

O *Hip Hop* pode ser considerado um importante desdobramento da diáspora Afro-americana. Considerando que a história do *Hip Hop* começa pelos Estados Unidos, podemos perceber que há conexões de artistas do *Hip Hop* em várias partes do mundo¹. Produzindo músicas, eventos, enfim, se expressando através dos quatro elementos, essa articulação pode ser observada entre artistas de países como Chile, Brasil, Angola, Portugal, entre outros. Tal cenário nos apresenta a possibilidade de dimensionarmos o *Hip Hop* como um movimento que não tem um polo difusor, podendo envolver rappers, *dj's*, *b.boys*, *b.girls*, grafiteiros e grafiteiras de e em qualquer continente, e a qualquer momento.

No Brasil, o *Hip Hop* chegou na década de 1980 embalando os bailes *Blacks* nas grandes cidades brasileiras. Era um tempo onde não existia cd player. Nas festas as músicas eram reproduzidas em discos de vinil (LP) que

¹ A dissertação de mestrado de Silvana Carvalho da Fonseca problematiza as relações diaspóricas a partir da conexão entre três *rappers*, cada um de um país distinto, no caso Brasil, Angola e Portugal. A Banda *Front Lr* de Viamão/RS já produziu música em conexão com *rappers* de Angola e Chile, tais exemplos nos mostram articulações que escapam a uma lógica de um centro difusor, que poderia ser os EUA. Estamos diante de articulações conectando artistas do sul do globo, fomentando uma relação mais sul-sul e com outras partes do mundo.

giravam nos toca-discos, enquanto na pista de dança eram criados passos acompanhados por multidões. Nas paredes, os grafites expressavam uma diversidade de mensagens.

A principal porta de entrada do *Hip-Hop* no Brasil, no início dos anos 1980, foram os chamados Bailes *Black*, onde se ouviam músicas *soul* e *funk*. Seu primeiro registro no cenário musical data de 1988, em São Paulo, com uma coletânea intitulada “*Hip-Hop Cultura de Rua*”. Mas, ainda na primeira metade da década de 1980, começaram a surgir os *rappers* brasileiros pioneiros, como Thaíde e DJ Hum, MC Jack, Racionais MC’s e também os primeiros dançarinos de *break*, que se reuniam em locais como a Rua 24 de maio e a estação São Bento do metrô, em São Paulo. (COSTA e MENEZES, 2009, p. 200)

Em Porto Alegre, o movimento *Hip Hop*, assim como em São Paulo, iniciou nos anos 1980, na chamada *Esquina do Zaire*², com as apresentações de *break boys* e os Bailes *Black*.

Datado de abril de 1983, o *Hip Hop* começou em uma roda de dança *break* na Esquina Democrática no centro de Porto Alegre. Tal espaço, segundo Bittencourt (1995), era parte de um território negro na região central da cidade, conhecido como Esquina do Zaire. Foi batizado com esse nome devido ao jogo entre Brasil x Zaire da Copa do Mundo de 1982, em que os negros reuniram-se na esquina para torcer pelo time africano como símbolo da sua verdadeira raiz étnica. Nesse território, reuniam-se representantes do Movimento Negro e personalidades políticas da época. (MAFFIOLETTI, 2013, p. 97)

O *Hip Hop* em Porto Alegre formou e inspirou muitos artistas e ativistas ao longo de seus mais de 30 anos de existência pela cidade. Passando por dj’s como Nezzo e G.Power, *b.boys* e *b.girls* como Jukinha e B.Séia, grafiteiros como Duda e Cuca, e *mc’s* como Nitro Di e Malu Viana (Flor do Gueto). Atualmente, algumas entidades, coletivos e ativistas do movimento *Hip Hop* se

² Rua dos Andradas, esquina com Av. Borges de Medeiros, conhecida popularmente como Esquina Democrática.

reúnem no Fórum Permanente do *Hip Hop* Gaúcho (FPHHG). O FPHHG foi criado em 2008, embalado pela conquista da Lei da Semana Municipal de Hip Hop de Porto Alegre, para servir como um espaço de organização do Movimento Hip Hop na cidade. O FPHHG também opera como um instrumento de mediação entre o movimento Hip Hop e o poder público, no caso com os gestores que estão à frente de secretarias e demais instituições públicas, tais como secretarias municipais e estaduais de educação, cultura, juventude, esporte e lazer.

A Semana é uma conquista do movimento Hip Hop e um importante marco jurídico-político, implementada pela LEI N° 10.378, de 6 de fevereiro de 2008. Trata-se de uma política pública garantida por lei no âmbito municipal. As reuniões do FPHHG são realizadas em salas da Assembleia Legislativa do RS. Quem organiza a Semana é o Fórum Permanente do *Hip Hop* Gaúcho conjuntamente com as entidades, organizações e pessoas que participam dele e ou que de alguma forma estão ligados ao FPHHG. Fazem parte do FPHHG entidades ligadas ao movimento Hip Hop e ativistas sem vínculo a organizações. Listo algumas das organizações e ativistas presentes em reuniões³ do FPHHG e na organização da Semana do Hip Hop de Porto Alegre:

Instituto Parrhesia - formada por egressos do sistema prisional que foram atendidos quando reclusos por um projeto de oficinas de *rap* no presídio entre 2005 a 2007. A Parrhesia como é conhecida é presidida pelo Orlando, ou Sinistro e se localiza no bairro Cidade Baixa. Seu engajamento consiste em dar voz para pessoas que não têm direito a serem ouvidos, seja pelo sistema judiciário, ou pela sociedade.

A ONG SUVE - organização comunitária situada no bairro Mario Quintana em Porto Alegre e que agrega *rappers* do bairro, composto por mais de 36 vilas,

³ Me refiro a organizações e ativistas que estavam presentes nas poucas reuniões do FPHHG que presenciei em 2015 e durante a realização da Semana Municipal do Hip Hop de Porto Alegre. Em reunião recente somente a Parrhesia não participava mais do FPHHG.

destaco o líder comunitário Renato, Mário que é *Dj* e filho do Renato, ambos moram na vila Eucaliptos, e o Dano do grupo de *rap* D’Rua, morador da vila Safira e que está construindo um espaço chamado por ele de *Quilombo Favela*. O *break boy* Juquinha – O *b.boy* Juquinha, que é um ativista muito conhecido na cidade. Morador do bairro Restinga, sua família é oriunda da vila Santa Luzia, que fazia parte do antigo “Areal da Baronesa”. A vila foi removida na década de 1960 para a Restinga, afastando os antigos moradores do centro da cidade. Juquinha dançava na década de 1980 na “Esquina do Zaire”, e é educador social no elemento *break boy*. Na Restinga também tem a b. gilr B.Séia, que também é educadora social no bairro. Laboratório da Sul – organização que agrega ativistas do *Hip Hop* da zona sul e leste da cidade, como o *rapper* Espanto, do bairro Capororoca. Malu Viana, moradora do bairro Restinga, militante do *Hip Hop* no elemento rap. Malu participa da Frente Nacional de Mulheres do *Hip Hop*.

Mas não é só no Fórum Permanente do *Hip Hop* ou na Semana Municipal do *Hip Hop* que podemos tirar dados relevantes para pensarmos o tema. Talvez faça mais sentido problematizar as articulações produzidas pelo *Hip Hop* a partir de um ponto mais periférico, por isso opto por tomar como referência a movimentação que o *Hip Hop* produz nos bairros periféricos da cidade. Essa movimentação vai contra o estereótipo de violência a que são classificados os bairros periféricos, a mobilidade dos rappers, grafiteiros, *breaking boys*, e *Dj’s*. Juntos mostram redes de atuação diversas e complexas de serem analisadas. Além disso, é frequente o discurso de denuncia em relação ao, que o movimento *Hip Hop* coloca como, genocídio da juventude negra e a situação de violência a que são submetidos em seus territórios pelo braço armado do Estado, no caso as forças policiais. O Movimento *Hip Hop* do Bairro Mário Quintana está nesse contexto de atuação contra o genocídio, a violência e a repressão vivenciada pela sua população, por meio das várias manifestações que promove.

A presente pesquisa debruça-se por tanto sobre o Movimento *Hip Hop* do bairro Mário Quintana, em Porto Alegre, a partir da circulação dos ativistas pela cidade, abordando-a através dos estudos das diásporas negras. A criação do Fórum Permanente do *Hip Hop* em Porto Alegre resultou da necessidade do

Movimento em participar da formulação e implementação de políticas públicas específicas voltadas para promoção da igualdade racial, geração de renda, educação, cultura, autoafirmação, entre outras demandas sociopolíticas. Tais políticas se contrapõem a lógica da periferização da população negra e pobre e do racismo estrutural.

Adotando como ponto de partida o Movimento *Hip Hop* do Bairro Mário Quintana faço uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico. Acompanham os ativistas do Movimento em sua relação com o bairro, com os territórios em que residem e atuam, os eventos que eles constroem e com grupos e coletivos de outros bairros da cidade e do Estado do Rio Grande do Sul (RS). Analiso, nessa perspectiva, a mobilidade desses ativistas pelo bairro Mário Quintana e para outros pontos da cidade e a relação com a construção de políticas públicas para o bairro, a cidade, a universidade e o movimento *Hip Hop*.

Tomando como referência o bairro Mário Quintana, o trabalho etnográfico é um instrumento fundamental para compreendermos a complexidade do espaço pesquisado. Junto a etnografia podemos estudar a biografia dos protagonistas deste trabalho a partir de entrevistas abertas possibilitando a ampliação de um horizonte etnográfico e de compreensão do *Hip Hop* no bairro. Busco descrever densamente a etnografia e as entrevistas como um ponto de encontro entre memória, projeto, política de realização, territorialização e luta afirmativa contra a estereotipação.

Os estudos que tem como tema a diáspora negra nos oferecem teorias mais gerais sobre como podemos perceber o Movimento *Hip Hop* em contextos locais. Para quem estuda o *Hip Hop* fica nítido que estamos falando de uma cultura significativa para a juventude negra e periferizada dos pequenos, médios e grandes centros urbanos brasileiros. Por outro lado é interessante, se isso que é tomado como um dado, possa ser problematizado no que existe de específico dentro de um contexto pan-africanista. Pensar a relação entre brancos e negros num sistema de racialização estereotipificante, onde a correlação de forças joga a sociedade estabelecida contra os negros os subjugando-os, pode apontar caminhos de resistência contra-hegemônica (HALL, 2003). O Atlântico Negro (GILROY, 2001) se apresenta como um

sistema complexo de reconhecimento, solidariedade e luta engajada com a pauta anti-racista e de condições mais simétricas de interação com o mundo moderno ocidentalizado e as populações da diáspora negra. A partir desse panorama mais amplo que a pesquisa se aproxima do bairro Mário Quintana, como uma possibilidade de relacionar o contexto local com uma luta global anti-globalização capitalista.

Essa dissertação foi composta em três capítulos que discorrerão de temas que, de certa forma, se atravessam durante o percurso etnográfico e de escrita do texto.

O primeiro capítulo tem como centro o bairro Mário Quintana e a relação com o Movimento *Hip Hop*. São apresentados os protagonistas e colaboradores desse trabalho, suas biografias, suas visões sobre as vilas e o bairro, seus projetos relacionados a militância em suas vilas e com o *Hip Hop*. Também são apresentando dados referentes a desenvolvimento humano e os equipamentos públicos presentes no bairro.

O segundo capítulo tem como ponto de análise as redes que permeiam o movimento a partir do bairro e fora dele, sejam através dos eventos que participam no bairro, ou em outros bairros e cidades. Nesse sentido as redes sociais como *Facebook* e *Whatsapp* tem um papel importante na articulação do movimento *Hip Hop*, seja para organizar e publicizar eventos tais como a Semana do *Hip Hop*, e também divulgar trabalhos referentes ao *Hip Hop*, como feiras, músicas, apresentações, etc.

No terceiro e último capítulo abordo a relação em rede dos ativistas do bairro com a cidade e com outras articulações que eles fomentam. Podemos citar o Fórum Permanente do *Hip Hop* gaúcho onde é construída a Semana Municipal do *Hip Hop* de Porto Alegre e a Semana Estadual de *Hip Hop* do RS, a relação do Movimento *Hip Hop* com a universidade no que diz respeito ao acesso e construção de políticas de Ações Afirmativas tomando como foco a UFRGS. Finalizo com um debate a cerca do que é produzido pelo *Hip Hop* e pela Antropologia em termos de elaborações e práticas descoloniais.

Capítulo 1: O Movimento *Hip Hop* do Bairro Mário Quintana

1.1 Reflexões sobre o fazer etnográfico e a relação com o *Hip Hop*.

A Antropologia nos traz muitas possibilidades em termos teóricos e metodológicos para pensar uma infinidade de movimentos e processos sociais. Talvez no contexto atual onde um determinado setor está sendo criminalizado pelo Estado brasileiro⁴, seja mais relevante potencializar as trajetórias e perspectivas de quem está no movimento social, no caso o *Hip Hop*. Para esse caso a escolha metodológica é de tomar um bairro de Porto Alegre como referência para o trabalho etnográfico.

O bairro em questão é o Mário Quintana, situado na região nordeste da cidade, e que convive com um dos maiores índices de homicídio e vulnerabilidade social da cidade. Descrever o *Hip Hop* no Mário Quintana também é produzir outra narrativa que não aquela vinculada majoritariamente pela mídia local que apresenta o bairro como um local violento, formado por pessoas violentas. Nesse sentido organizei o trabalho de campo em dois caminhos.

1) O bairro Mário Quintana: acompanhamento das oficinas de *Hip Hop* elaboradas pela Ong SUVE em escolas municipais e estaduais do bairro, como a Timbaúva, Victor, Issier, Wenceslau Fontoura, Mariz e Barros, e a Chico Mendes⁵. As oficinas seriam ministradas por rappers, grafiteiros, *b.boys* e *dj's* moradores do próprio Mário Quintana. Pretendo nessas oficinas descrever a relação dosicineiros, com o público atendido, com a administração da escola. Tentei caracterizar os princípios do *Hip Hop* que para Gilroy (GILROY, 2001, p.179) seriam pedagogia, afirmação, e brincadeira, princípios estes que, no

⁴ Estou me referindo a CPI do INCRA e da FUNAI, onde antropólogo(a)s estão sendo indiciados por estarem comprometidos com processo de demarcação de territórios quilombolas e indígenas cumprindo com o que foi pactuado a partir da Constituição Federal de 1988.

⁵ A Ong SUVE por meio de edital do programa Ponto de Cultura promovido pelo governo estadual firmou parceria com escolas municipais do bairro Mário Quintana e executa oficinas de *Hip Hop* no bairro.

Brasil, podemos nos referir ao quinto elemento (conhecimento, consciência e afirmação).

Essas oficinas ao longo do ano de 2016 não aconteceram por que a verba que viria via programa Pontos de Cultura do Estado do RS não foi repassada para a Ong SUVE, o que impossibilitou uma incursão etnográfica em um espaço que sequer existiu. Neste sentido, a proposta de acompanhar oficinas migrou para uma outra, que é de acompanhar um evento produzido pelo Movimento Hip Hop do Bairro Mário Quintana auto denominado como “Ensaio de Rua RS”. O Ensaio de Rua RS é um evento aberto ao público, que em suas três primeiras edições foi realizado no Parque Municipal Chico Mendes. Foi pensado para dar espaço aos artistas do Hip Hop local, além de outros segmentos musicais como o samba, e o funk, por exemplo. Por tanto acompanhar o Ensaio de Rua RS torna-se uma alternativa viável de etnografia do Hip Hop no bairro Mário Quintana.

Para trilhar melhor esse caminho no bairro além de acompanhar o Ensaio de Rua e outros eventos que viessem a contribuir para mapear e compreender o Hip Hop no bairro, foram realizadas entrevistas qualitativas com os ativistas do movimento, e colaboradores dessa pesquisa, tal como o Dano, e o Chapa Halls. Essas entrevistas tiveram como objetivo reconstituir a trajetória de algumas pessoas que são referências para o Hip Hop no bairro. Como destaca Tim May (2004) as entrevistas podem começar com uma certa padronização, mas devem estar abertas para questões que o entrevistado traga a tona. A resposta do entrevistado, quando livre para responder, pode trazer uma resposta mais qualificada além de outras questões que o entrevistador não tinha dimensão até então. As entrevistas não estruturadas e focadas permitem que o entrevistado argumente com suas palavras dentro do seu próprio sistema linguístico de conhecimento. Por isso a importância de gravar as entrevistas para depois transcreve-las na íntegra tal como foi falado, garantindo assim que o entrevistador se dedique a entrevista, fazendo pequenas anotações que poderão ser úteis para a seleção dos trechos que irão compor um determinado texto.

Jean Poupart (2008) traz o problema da entrevista enquanto um espaço de denúncia da desigualdade social e discriminação social imposta ao entrevistado, mas que se deve ter o cuidado para não idealizar o sujeito entrevistado. Tal como MAY (2004), Poupart destaca a vantagem de se realizar entrevistas abertas, que oferecem a possibilidade de entendermos a realidade do entrevistado de uma forma mais ampla e profunda do que em entrevistas estruturadas onde o entrevistado já fica preso nas categorias pré-estabelecidas de um roteiro fechado próprio da ciência positivista. O pesquisador tem que estar atento ao contexto em que ele está produzindo a entrevista, como isso influencia e se relaciona com a realidade do entrevistado. O autor destaca também que ao fazer uma entrevista é fundamental que o entrevistador peça autorização ao entrevistado e diga as motivações e a destinação do registro colhido na entrevista.

Gilberto Velho, em seu trabalho de campo junto a imigrantes portugueses nos EUA, na região conhecida como Nova Inglaterra (VELHO, 1999, p. 31), em um contexto onde acontecem encontros do mundo universitário com os movimentos de contracultura, traz contribuições relevantes para pensarmos metodologicamente a inserção no campo etnográfico de estudo em uma metrópole contemporânea e ocidentalizada.

As sociedades complexas moderno-contemporâneas são constituídas caracterizam-se por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados. A própria natureza da complexidade moderna está indissoluvelmente associada ao mercado internacional cada vez mais onipresente, a uma permanente troca cultural através de migrações, viagens encontros internacionais de todo o tipo, além do fenômeno da cultura e comunicação de massa. (VELHO, 1999, p. 38).

A complexidade colocada aqui é ampla e está atravessada por diversos níveis de realidade e fenômenos relacionados com a globalização e com códigos e lógicas específicos. Nesse encontro de especificidades, existe tensão e conflito entre níveis coexistentes, reforçando mais uma característica da complexidade. (VELHO, 1999, p. 39)

A partir da leitura de Alfred Schutz, VELHO (1999) traz o conceito de “projeto” para examinar os casos que impliquem em análise de relações que podem ser entendidas no jogo entre ideologias holísticas e individualistas. Projeto, nos termos deste autor, é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de campo de possibilidades como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos. Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. (VELHO, 1999, p. 40)

Seria possível perceber e situar um projeto, ou ainda uma política de realização (GILROY, 2001) desses ativistas em relação as suas trajetórias individuais e coletivas e o campo de possibilidades encontrado no ativismo do *Hip Hop* no bairro Mário Quintana? Sejam esses projetos individuais, de família, de grupo (de *rap* por exemplo), de coletivos auto organizados, de bairro, cidade, País etc. É importante ter o entendimento que os projetos coletivos são vívidos para além de suas referências simbólicas, culturais e históricas, eles se encontram com a diferença, seja ela familiar, de gênero, geracional. E o que seria produzido nesses encontros de projetos coletivos.

Pode-se dizer que a própria possibilidade de vida social reside na interação das diferenças, com a conhecida problemática antropológica da troca e da reciprocidade. O que está em jogo, constantemente, é a unidade social com o que se trabalha, de modo mais ou menos arbitrário (VELHO, 1999, p.44)

Podemos então, a princípio, partir da noção que o Ensaio de Rua RS seria esse espaço de troca e reciprocidade onde, a partir da apresentação se compartilham os trabalhos, ao mesmo tempo que ele oferece esse espaço de visibilidade. Quando os organizadores do evento convidam artistas do Hip Hop local e de outros lugares, nos propiciam perceber e mapear as relações entre

os diversos sujeitos e coletivos e a relação com a complexidade dos problemas sociais enfrentados por eles.

As trajetórias vão ganhando consistência a partir da elaboração desses projetos. E nesse campo de possibilidades as pessoas vão mudando e os projetos também, mostrando uma relação direta nessa dinâmica entre trajetórias e projetos. Essas mudanças nos convidam a olhar de forma crítica para as concepções de identidade social e consistência existencial. (VELHO, 1999, p. 48).

A trajetória e a biografia estão imersas em uma realidade complexa, tensionando passado e presente, onde elas podem se fragmentar, mas podem também produzir um indivíduo-sujeito elaborador de um *projeto* consciente.

[...] é indivíduo-sujeito aquele que faz *projetos*. A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de *projetos*. Por tanto, se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetórias e biografias, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. A consistência do projeto depende, fundamentalmente, da memória que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar *projetos*. (VELHO, 1999, p. 101)

Neste sentido “a memória e o projeto, de alguma maneira, não só ordenam como dão significado a essa trajetória”. (VELHO, 1999) Poderíamos então articular a memória narrativa dos indivíduo-sujeitos no movimento Hip Hop com os projetos individuais e coletivos elaborados e realizados por eles, de modo que possamos reconhecer e analisar os elementos do passado de suas trajetórias, geradoras de suas condições atuais e que embasam suas atividades no presente.

2) A rede: Analisei o deslocamento, desses oficinairos e outros ativistas do Hip Hop no bairro Mário Quintana, e as conexões em rede do movimento, tomando

como referência os eventos de Hip Hop e as reuniões do Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho e que agenda é produzida pelo movimento nesse contexto.

Depois de organizado o que foi pesquisado se fez relevante responder como seria realizada a pesquisa. A base metodológica é a etnografia, que compreende o método de inserção ao campo de pesquisa e o entendimento do pesquisador frente aos desafios do fazer etnográfico.

“Segundo a opinião dos livros textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante.” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Essas técnicas não tem sentido ao produzirem registro etnográfico se não colocarmos o conceito de cultura em sua dimensão justa, fora do senso comum e do modismo. Para Geertz (1989), inspirado em Max Weber, cultura(s) são teias semióticas de significados, e a Antropologia pode ser a ciência que busca interpretar esses significados. A etnografia seria o início para entender a Antropologia como forma de conhecimento. Geertz se baseia na definição de Gilbert Ryle (GEERTZ, 1989) sobre descrição densa. O ato de piscar o olho, por exemplo, pode revelar, a partir de uma abordagem interpretativa, em uma descrição densa a piscadela como categoria cultural. Ao escolher as estruturas de significado o antropólogo é mais um crítico literário do que um decifrador de códigos. Nesse sentido, a etnografia seria uma descrição densa, ou poderia nos fazer chegar até ela, mas não sem apresentar desafios. O desafio é primeiro de aprender as múltiplas estruturas que nos são estranhas, inexplicáveis e irregulares, só depois desse exercício podemos apresentá-las. Fazer etnografia é tentar ler as *culturas* nas quais estão imersos e seus padrões de significados. Para Geertz a fonte principal da desordem teórica na antropologia está em conceber a cultura como localizada na mente e no coração dos homens. A cultura é pública, e só é pública por que seu significado também é público, ou seja, a cultura não seria um elemento cognitivo. O que devemos indagar é qual a sua importância, o que está sendo transmitida com sua agência. A análise cultural é intrinsecamente incompleta. Quanto mais

profunda menos completa. Daí vem a atenção para não cairmos no que Geertz chama de “pecado obstruidor” das abordagens interpretativas, de quando essas abordagens tendem a resistir a articulação conceitual e assim escapar a modos de avaliações sistemáticas se colocando como válida segundo seus critérios, ou seja, de forma etnocêntrica. Entendendo o etnocentrismo nas reflexões interpretativas quais articulações podemos tecer em nosso percurso ao descrevermos densamente um contexto?

O Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre ajuda a nos situarmos sobre a história dos negros, suas dificuldades diante de políticas de higienização de seus territórios, de suas culturas, e a questão racial em uma perspectiva mais densa. O Museu foi concebido por diversos motivos, mas principalmente para promover a valorização da autoestima do negro em Porto Alegre, reapropriação do espaço urbano como espaços identitários visibilizando-os. O Museu dialoga com a perspectiva de Geertz no sentido de compreender os significados e símbolos construídos socialmente.

Para reconstituir estes espaços sociais urbanos. Com um acento étnico-cultural de matriz africana, damos preferência a uma abordagem cultural na perspectiva hermenêutica de Clifford Geertz, a fim de buscar compreender os significados das ações e dos símbolos construídos socialmente pelos segmentos negros porto-alegrenses, tanto no passado quanto hodiernamente, uma vez que “deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação”. (BITTENCOURT JR, 2010, p. 15)

O antropólogo James Clifford (2008) chama a atenção para o descentramento de uma autoridade antropológica que após as lutas anticolonias pós 1950 perdeu o privilégio de fala sobre o outro, provocando o surgimento de outros discursos e perspectivas de fazer antropologia. Porém o debate sobre a autoridade do etnógrafo não termina aí, e CLIFFORD (2008) aponta para o mito de que o antropólogo seria essa interlocução entre a cultura do outro e a sua cultura. O antropólogo interpreta e inventa uma cultura a partir de significações que lhes são próprias, a organização dos significados que

estariam supostamente desordenados também seria uma prova da autoridade do antropólogo. Uma escrita que não problematiza o seu lugar de fala acaba se tornando uma escrita colonial, o ponto estaria de recolocar o informante, interlocutor, nativo no texto etnográfico. Romper com um modelo de escrita monofônico passando a um modelo polifônico de escrita necessita de um reconhecimento que a construção do conhecimento passa por um diálogo entre o antropólogo e o sujeito com quem ele trabalha. A polifonia estaria em romper com a ideia de que há um informante que fala ao pesquisador, e esse traduz para uma linguagem científica racional. Em outra perspectiva, o que está em jogo é quebrar a noção de informante, emergindo um ator que é um colaborador do trabalho etnográfico. Trazer essa relação em termos colaborativos é atestar que o trabalho etnográfico não é produzido apenas pelo esforço do etnógrafo, ao contrário, o sujeito colaborador é tão autor quanto o sujeito pesquisador, o que pode nos oportunizar um trabalho com mais vozes e pontos de vista. No caso dessa pesquisa, a polifonia viria das distintas trajetórias, assim como das diversas formas de expressão que o *Hip Hop* proporciona.

Assim, pretendo compreender essas articulações simbólicas através do estudo do uso das redes sociais como o *facebook*, acompanhado dos eventos, das letras de músicas, das expressões grafitadas, são tomados como referências nesse percurso etnográfico para analisar o Hip Hop em Porto Alegre a partir do bairro Mário Quintana.

Uma vez que realizamos o trabalho de campo e começamos a analisar o diário de campo, as imagens e as gravações que fazemos, nos vem à tona questões referentes a ética na pesquisa. Tratar de ética hoje em Antropologia é reconhecer a sua história como uma ciência que já esteve a serviço do colonialismo: Desconstruir o colonialismo nos métodos e teorias que instrumentalizam a Antropologia na sua relação com os movimentos sociais, comunidades, povos originários e tradicionais, instituições, e o Estado, em um sentido mais autocrítico é um desafio mais importante do que propriamente de denunciar o “outro” (antropólogo/a) que faria uma antropologia colonial.

No texto de Jeanne Favret-Saada (2005) “Ser afetado”, a autora expõe

a importância de reconhecer a assimetria nas relações entre academia e os grupos pesquisados. Mais do que isso a autora explora criticamente a noção de empatia e traz para o centro do debate o problema da afetação em campo. Afetação não seria você tomar partido, ou se sensibilizar empaticamente por determinado grupo com quem a pesquisadora tem um envolvimento de pesquisa. Ser afetado implica no “outro” (o etnografado) reconhecer alguma afetação no pesquisador e a partir daí estabelecer uma relação mais participativa, ao ponto de não se conseguir mais distanciar do grupo pesquisado. Ao menos no contexto do trabalho de campo. São essas participações “involuntárias” carregadas de “opacidade/inconsciência” que podem nos trazer reflexões que uma postura mais objetiva e unilateral talvez não consiga provocar.

João Pacheco de Oliveira (2013) também problematiza a inserção do antropólogo em campo e as relações que ele estabelece, como ele estabelece. Mesmo reconhecendo um mal-estar entre a comunidade antropológica, ele descreve como foram ocorrendo a reelaboração de métodos e objetivos buscando acompanhar a mudança que acontecia no mundo (OLIVEIRA, 2013 p. 53.) No cenário contemporâneo é crucial que haja uma negociação entre os interesses que envolvam o antropólogo, meio acadêmico e o meio social onde ele atua.

O que o antropólogo vai pesquisar em campo já não pode mais ser o fruto exclusivo de um interesse acadêmico, justificado, puramente, por sua relevância científica e decidido entre ele, seu orientador e a instituição universitária ou equipe de pesquisa à qual está vinculado. É necessário que os líderes e a própria comunidade compreendam, minimamente, as finalidades e o *modus faciendi* da pesquisa, aprovando-os ou exigindo reformulações. (PACHECO DE OLIVEIRA, 2013, p. 61)

É a partir de 1971, na Declaração de Barbados, que antropólogos do continente americano se posicionam em favor de uma aliança consciente e estratégica junto as comunidades e movimentos sociais pesquisados, reconhecendo que a noção de neutralidade só favorecia as forças conservadoras do Estado e das igrejas (OLIVEIRA, 2013, p. 62). Hoje podemos

pensar que existe fundamentalmente uma questão que não há como escapar: que nossos trabalhos estão imbricados em contextos de conflitos e disputas no campo político. Nesse sentido cabe ao antropólogo ter consciência do campo de disputas que se encontra e como se posiciona diante desses conflitos.

Já no texto “A presença do autor”, Teresa Caldeira (1988) descreve de forma muito pertinente a trajetória das etnografias nas tradições antropológicas das metrópoles européias e a crítica estadunidense. Ao descrever o objeto de pesquisa desde uma perspectiva clássica, colonial e eurocêntrica, que vê os grupos sociais de forma fechada e estanque (evolucionista), o antropólogo se diluiria no texto ao narrar os eventos em terceira pessoa do plural. Ao fazer isso o pesquisador acaba negando as condições que ele se colocou em trabalho de campo, desconsiderando as relações de poder que permeiam o fazer etnográfico. Você pode até trazer várias vozes para o texto antropológico, mas o diferencial estaria em se posicionar politicamente em uma fala que explicita o encontro com a alteridade e o que ela gera de experiência e discurso na descrição e na crítica da antropologia. Não seria o caso de buscar uma realidade objetiva, passível de ser expressa apenas em uma linguagem racional, mas o desafio estaria em apreender e traduzir textualmente outras formas expressivas. Ou seja, a tentativa mais frutífera estaria em não cair na tentação de classificar, padronizar o social em uma linguagem racional. Produzir um contra-discurso que, mais do que interpretar, posicione o lugar e a posição política do autor. Mas diluir o peso da autoria de fato descoloniza o saber antropológico? O ponto seria de nos responsabilizarmos pelo que escrevemos, e como interpretamos. Caldeira conclui que o importante é refletir o estilo de escrita a partir do contexto estudado e das posições políticas que se tem entorno dele.

Para este projeto de pesquisa a etnografia vai ao encontro de uma postura crítica em relação ao que deve ser uma postura ética hoje no Brasil e com o segmento trabalhado nessa pesquisa. Me refiro ao movimento Hip Hop e a hipótese preliminar de pensá-lo como um movimento de diáspora afro-americana no contexto das Ações afirmativas. Reconhecer o lugar da Antropologia e do Hip Hop dentro de um cenário mais amplo onde atuam forças

coloniais de conformação política e social, e de descolonização social e epistêmica.

Em sua dissertação de mestrado, Maria Andréia dos Santos Soares (2007) nos apresenta um registro relevante para pensarmos o movimento Hip Hop em Porto Alegre e em outras cidades do Estado, como Santa Maria, por exemplo. Soares, que graduou em Teatro pela UFSM, nos mostra um contexto onde o rap era considerado dentro da academia como música de “maloqueiro”. Mas também não acadêmicos tinham uma visão não muito favorável ao Hip Hop, pois diziam se tratar de uma cultura estrangeira (SOARES, 2007, p.15). Ao analisar a origem do movimento Hip Hop em Porto Alegre, ela aponta uma perspectiva inicial de promover a inclusão social e a cidadania, ou seja, o movimento Hip Hop já começa, na cidade, como uma cultura promotora de protagonismos dos sujeitos de populações periféricas, que por meio dos diversos elementos exprimem suas pautas políticas.

Ao analisar a cidade como um espaço-tempo de conflitos e ações coletivas por emancipação social e política, desencadeadas por diversos atores sociais a partir dos anos 1970, SPOSITO (1994) se depara com a complexidade de conflitos e disputas, que podem ser de classe social, gênero, geracional, a inserção no mundo do trabalho, na escola, e a sociabilidade produzida por jovens de periferia em uma cidade marcada pela desigualdade social. O *rap* é um elemento do Hip Hop que é identificado com a cultura de rua, e também com a denúncia e o combate a exclusão social. Se a escola, o trabalho e a família não correspondem ou não satisfazem a expectativa de muitos jovens, as ruas por outro lado comportam os jovens que estão excluídos desses processos.

O *rap* enquanto gênero musical problematizaria três dimensões da vida dos jovens negros moradores de bairros periféricos (SPOSITO, 1994, p. 168). Uma dimensão que tenciona os dilemas da população negra em uma sociedade hegemonicamente dominada pelos brancos. Uma segunda de caráter social, que denuncia as condições dos trabalhadores de baixa renda e uma terceira, que aponta para as diferenças geracionais, na qual questionam o acesso ao emprego e a educação. Sposito também reconhece a origem

jamaicana e urbana do *rap* nos subúrbios de Nova York. Segundo a autora, trata-se de uma recriação da tradição oral da África Ocidental, dos *Griots*. Essa tradição oral foi sendo transmitida nas *plantations*, e pelos prisioneiros negros, que cantavam como forma de lamento e denúncia de sua situação. A noção de territorialidade vem com força para a análise do *Hip Hop* a partir do termo êmico “*pedaço*”, que se refere tanto ao espaço de um bairro, como um grupo de rap, uma “*posse*” de *b.boys*, as *crews*, a identidade coletiva de um grupo, coletivo etc.

De forma semelhante TELLA (2015), em seu trabalho junto a B.Boys na cidade de João Pessoa/PB, também aponta para a territorialidade dos “*pedaços*” constituídos pelos diversos grupos que compõem as quatro artes do Hip Hop. Este dado é relevante, pois em Porto Alegre essas quatro artes são consideradas como elementos. O autor também nos apresenta um “*quinto elemento*”, que estaria vinculado as quatro artes e envolveriam consciência política e étnico-racial. A mobilidade entre os integrantes dos grupos, que hoje tocam em um espaço e amanhã podem estar em outro, o que nos ajuda a pensar a circulação desses jovens em suas trajetórias artísticas e de ativismo pelo movimento *Hip Hop*. TELLA (2015) traz a articulação de um grupo de *b.boys* pela cidade para executarem oficinas de dança em uma escola pública de um bairro periférico, que o autor refere-se como *desassistido*, denunciando a carência de espaços públicos para o ensaio e organização dos *b.boys*. As oficinas são relevantes, pois nelas se difundem a história e a importância do movimento *Hip Hop* (TELLA, 2015, p. 127). Os jovens que se organizam em seus grupos se apresentam em praças públicas e no calçadão da praia com o objetivo de arrecadarem fundos para seus encontros com *b.boys* de outras cidades e estados, promoverem a sua arte e fazerem relações. Tal como no contexto estudado por SPOSITO (1994), entre esses jovens prevalece uma lógica de solidariedade, na hora de compartilhar alimentos e dinheiro para comprar um lanche, além de se apoiarem com roupas e calçados para manterem suas atividades de dança. Assim como em São Paulo, os jovens *b.boys* de João Pessoa traçam suas estratégias de resistência, que o autor apontou como três: a batalha em casa para convencer os pais da importância da atividade que exercem, a divulgação do break a partir de suas próprias

atividades, e por último a do estilo, ao se afirmarem enquanto *b.boys* em sua maioria negros e de periferia, enfrentando a discriminação e os estereótipos que marcam os adeptos dessa arte.

Em Aracaju, MARCON e FILHO (2013) nos trazem a cena das “*posses*” e do movimento Hip Hop como um movimento cultural contemporâneo, como um estilo das expressões culturais das ruas e reconhecem sua origem na década de 1970, como decorrência do movimento pelos direitos civis nos EUA. As “*posses*” seriam organizações coletivas, pedagógicas e políticas de atuação dos jovens que as compõem. Mais uma vez a questão da denúncia de que os jovens do Hip Hop sofrem com o estigma da violência a que são submetidos em seus contextos de origem, no caso, os bairros de periferia, de população negra e pobre. Os jovens, através das “*posses*”, disputariam território para suas artes em espaços públicos como escolas, na perspectiva de oferecer aos jovens dos bairros de periferia uma opção de lazer e atividades que os tirariam do caminho da drogadição e atividades ilícitas (MARCON e FILHO, 2013, p. 523). O texto descreve a diversidade de atuação no campo político dos jovens envolvidos no *Hip Hop*. Enquanto uns participam de organizações do movimento negro sergipano, outros atuam junto a partidos políticos, visando potencializar projetos ligados ao movimento Hip Hop na capital e no Estado de Sergipe. O movimento *Hip Hop* para esses jovens seria “mais do que uma expressão artística, e sim uma ação política que busca a possibilidade de intervenção direta nos espaços comunitários onde vivem”(MARCON e FILHO, 2013, p. 533).

As pesquisadoras COSTA e MENEZES (2009) fazem uma análise descrevendo a expansão urbana das grandes cidades brasileiras a partir da década de 1950, apontando para o crescimento desordenado que surgiu a partir do êxodo de pessoas do campo para as cidades. Esse crescimento desordenado originou, dentro de uma lógica de segregação urbana, os territórios periféricos como vilas e favelas. As autoras constataam a existência de uma lógica entre o centro e a periferia das cidades como uma relação de contraste, em um cenário onde a periferia é desprovida de infraestrutura e os conflitos de classe são percebidos com maior exatidão. O *Hip Hop* surge então como uma ferramenta de engajamento político e comunitário para

problematizar suas realidades, e o rap possibilitaria o reconhecimento de uma realidade e de lugares. O engajamento dos jovens no *Hip Hop* favorece um cenário de mobilização para mudança de suas trajetórias individuais e coletivas (COSTA e MENEZES, 2009, p. 203), gerando reivindicações por melhorias nas áreas de saúde, educação, lazer e saneamento. A comunidade imaginada aqui seria a da escassez de recursos, a da precariedade dos serviços públicos prestados pelo Estado, ou seja, mais do que uma identidade fixa, a noção de comunidade representa uma estratégia de mobilização discursiva desses jovens, que ao se referirem como “irmãos” estão se remetendo a situação de desigualdade que estão inseridos e estão combatendo.

O referencial sobre o Hip Hop é bem extenso, e a partir dessas leituras podemos pensar em alguns eixos comuns expostos nas etnografias realizadas em diversos pontos do Brasil. Um seria em relação a denúncia por parte dos ativistas negros em relação a condição racial a que estão submetidos num país racista, o da violência e estigma a que são estereotipificadas suas populações periferizadas, a precariedade, de descaso do poder público com esses bairros, vilas e favelas, e um elemento fundamental: as artes e o conhecimento como armas para a transformação de suas trajetórias de vidas individuais e coletivas. Um conhecimento que se coloca de forma afirmativa em relação ao pertencimento étnico-racial e sua condição de cidadão e cidadã pobre nos médios e grandes centros urbanos brasileiros. Por isso a importância de etnografar e problematizar teoricamente o *Hip Hop*, como um movimento que está na linha de frente dos processos de emancipação em territórios periferizados.

1.2 Breve contextualização do Bairro Mário Quintana

Segundo dados oficiais, o Bairro Mário Quintana foi decretado pela Lei Municipal nº 8258 de 1998⁶. Localiza-se na região nordeste da cidade de Porto Alegre. O Mário Quintana tem como limites dentro da cidade os bairros Rubem Berta, Jardim Leopoldina, Passo das Pedras e Morro Santana.

⁶ Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000021986.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT>

O bairro também faz divida com dois municípios: Alvorada ao leste, e Viamão.

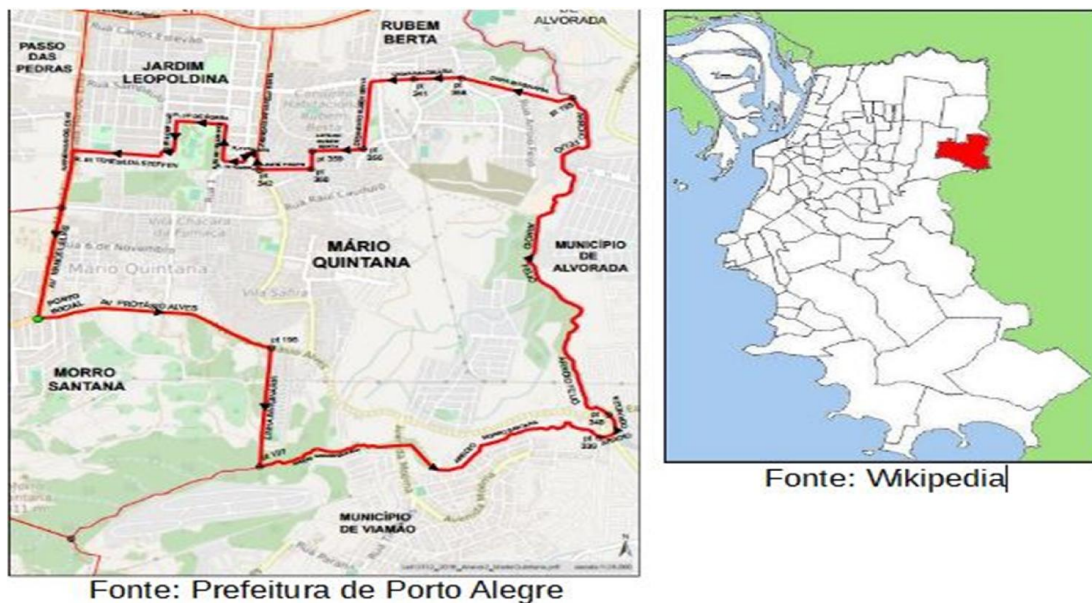


Imagem 1: Localização do bairro Mário Quintana em Porto Alegre⁷

Porém a história de ocupação da região que veio a se tornar bairro, remonta o final do século XIX. Era uma região conhecida como Capão da Fumaça, e com o passar dos anos o local foi sendo ocupado por várias chácaras, se tornando com o tempo conhecida como Chácara da Fumaça. Segundo o rapper Chapa Halls, morador da Chácara da Fumaça, essa fumaça derivava da queima de eucalipto, planta muito encontrada na região.

“a Chácara da Fumaça leva esse nome por que na antiga tinham muitos eucaliptos, e era tipo uma chácara mesmo, então o pessoal fazia muita fumaça, por que usava o eucalipto pra fazer lenha, e aí ficou o apelido Chácara da Fumaça” (Chapa Halls, 2016).

Há uma controvérsia entre quantas vilas afinal compõem o bairro, mas, observando as narrativas locais, poderíamos afirmar que existem mais de 30. As mais conhecidas e citadas são a Chácara da Fumaça, Safira, Chico

⁷ http://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/1857_ce_172548_5.pdf

Mendes, Eucaliptos, Batista Flores, Wenceslau Fontoura, Timbaúva, Tarso Dutra, Jardim do Verde, entre outras.

Eu Frequento o bairro desde 2003/2004 e as condições socioeconômicas do bairro continuam precarizadas. O bairro até hoje não possui uma escola de Ensino Médio. Embora as principais ruas estejam pavimentadas e possuam rede coletora de esgoto, não há uma estação de tratamento, o que faz com esse esgoto vá parar em algum arroio da região. Mas as vilas, grosso modo, estão sem saneamento básico, e sem pavimentação. As casas são de madeira e de alvenaria, nas vilas mais antigas estão as casas maiores e melhor estruturadas. Nas vilas mais recentes se vê muitas casas, pequenas e com pouca estrutura, típicas de ocupações recentes, onde a insegurança jurídica sobre a permanência nesses territórios, e a pouca disponibilidade de recursos, desestimula o investimento em melhorias de suas casas.

Por outro lado à paisagem apresenta um verde intenso, e pouca verticalização, o que para alguém de fora do bairro dá uma sensação de estar em uma cidade do interior ou mesmo numa área mais rural da cidade, lembrando que no local há o histórico de ser uma região de chácaras e sítios.

Mas para quem não é do bairro, a visão que predomina sobre o local é estereotipada, e constantemente alimentada pela imprensa, que enfoca a violência ocorrida no bairro em seus meios de comunicação, seja através dos jornais e telejornais da cidade. Por se tratar de uma região pobre, habitada por pessoas negras, e com pouca ou nenhuma infraestrutura, o bairro se torna alvo fácil de uma visão preconceituosa que acaba por afastar e dificultar uma relação mais positiva com sociedade.

Os moradores com quem conversei tem consciência da visão negativa que recai sobre o bairro, ou, sobre as vilas que o compõe, uma vez que isso impregna as suas vivências. Nego Dano, um dos entrevistados, viveu boa parte da sua vida na Vila Safira, uma das que compõe o Bairro:

...e a Safira no caso quando tu ia procurar emprego. Eu passei por isso. De tu botar no teu currículo de emprego Safira, na hora já era excluído do processo. A Safira era um bairro violento e só mora bandido, e as mortes. E até hoje, ontem mesmo, não chegou a escurecer, e não deu sete horas da noite aqui e deu um tiroteio de uma hora, depois deu mais um de uma hora. É uma zona de guerra, aí tu vai assim com o nome de Safira, tu chega nos lugares as pessoas... E hoje é o Mário Quintana, as pessoas trocaram o nome Mário Quintana para tirar esses estigmas, de que é um bairro violento. E hoje é o Mário Quintana e continua a mesma coisa, por que não adianta trocar o nome e não trocar os problemas (Dano, de 2016).

Quando se fala em processo de estigmatização, não quer dizer que se queira negar a existência de problemas nas vilas do bairro, vinculados à condição socioeconômica dos moradores, a falta e precarização de políticas públicas no bairro. O próprio problema da violência, para além de ser acionado como um recurso de estigmatização, efetivamente faz parte do cotidiano, relacionado às disputas entre facções do crime organizado, especialmente do tráfico de drogas, não apenas no bairro Mário Quintana, e também em outros bairros, e vilas da cidade. Mas por outro lado, não é uma violência generalizada, direcionada para qualquer morador ou visitante do bairro, mas sim direcionada aos membros das facções em disputa. Nesse sentido, à imagem de uma “zona de guerra”, se contrapõe a imagem do lugar enquanto um espaço de liberdade. Quando pergunto a Nego Dano sobre o que ele destacaria de positivo no bairro, ele responde:

A liberdade de tu poder ir e vir, das crianças de poderem estar na rua. Hoje em dia num bairro assim, várias vezes eu falo com a rapaziada, eles me dizem assim “se eu ganho dinheiro não saio da vila”. Se eu ganho dinheiro eu não saio da vila, vou construir, melhorar minha casa aqui entendeu? Isso de tu

poder ficar aqui com uma cerca desse tamanho, portão baixinho, criar meus filhos na rua entendeu? Não tem preço! Por que hoje em dia se tu for morar em outro lugar tu já não tem essa mesma liberdade, e aqui por ser conhecido de todo mundo, ou não, eu tenho certeza que em qualquer outra vila, eles dizem que as vilas são lugares violentos, e o descaso do governo causou isto. E hoje um burguês num bairro burga já não anda mais protegido, só as grades já não são mais suficientes para proteger ele, a própria vida dele, a integralidade física e dos bens materiais dele (Dano, 2016).

O processo de estigmatização em razão do local de moradia, associado com o preconceito de classe e raça, também é percebido como um fator de exclusão da sociedade mais ampla, por parte de Chapa Halls, especialmente no mercado formal de trabalho quando o questiono sobre sua leitura sobre o bairro:

Chapa: A mais positiva, foi a pavimentação, a regularização de algumas casas também, que era muito difícil. Era um ponto de referencia que o pessoal dava como endereço para poder virem as cartas. Coisas que em pleno século XXI, que ainda não estavam no mapa. Então a pavimentação a regularização das casas foram os maiores pontos.

Diogo: Isso começou mais ou menos quando?

Chapa Halls: isso começou, por incrível que pareça, foi de 1999 a 2005 ainda. Até 2005 tinham pessoas que ainda não tinham conseguido ter a regularização das suas casas, terem suas casas ligadas no mapa.

E um dos grandes problemas que pessoal aqui enfrenta é na procura de emprego que quando o pessoal (morador) diz que é daqui o pessoal (empregador) fica ainda restrito, rola esse preconceito ainda com que é do bairro Mário Quintana.

Diogo: Mas por que tu acha que tem esse preconceito?

Chapa Halls: Um pouco é por causa da fama que o bairro ainda infelizmente tem, de um bairro violento, de um bairro pobre, de um bairro carente. Eu sei que não é um problema só daqui, que o pessoal da (zona) sul deve enfrentar também, da Restinga, da Cruzeiro, da Bonja (Bom Jesus) e das demais localidades (periféricas). Mas infelizmente ainda rola esse preconceito. Têm pessoas aqui que seguinte, chegam a assinar currículo e “onde você mora?” “a no Rubem Berta”, sabe, ainda falta essa identificação com o ponto daqui ainda. Poder dizer “eu sou do bairro MQ” e bater a mão entendeu. Então muitas das vezes têm vergonha e outras simplesmente pra não estar na mira de olhares preconceituosos ainda tem aqui (sobre o) no bairro. (Chapa Halls, 2016)

Para o rapper Chapa Halls morador da vila Chácara da Fumaça a questão da discriminação e dos estereótipos (HALL, 2010) lançados sobre os moradores do Mário Quintana é um ponto de tensão forte.

Quando eu perguntei ao Chapa Halls sobre os pontos positivos e negativos no bairro, ele rapidamente afirma a comunidade como o ponto principal, e a importância da regularização fundiária das casas e da recente urbanização das ruas. Mas reconhece o problema da violência e da estigmatização que enfrentam por conta do rótulo de local violento.

Chapa: Os pontos positivos é a comunidade em si. A comunidade ainda tem aquela coisa de muita união sabe, quando acontece alguns acidentes como esse temporal que um pessoal perdeu as coisas o pessoal é muito unido, chegam a fazer aquela mobilização para ajudar um ao outro. O pessoal é o ponto número um daqui, entendeu? A comunidade em si, se mantendo em termos de ajuda ao próximo, é o valor, a coisa mais preciosa que tem aqui. E o ponto negativo é o que está acontecendo em todo o Rio Grande do Sul, essa guerra de tráfico, nesses anos que eu estou aqui perdi vários irmãos pro tráfico, pras drogas, então isso que é o ponto mais negativo. Mas isso não é um problema só daqui, é todo o RS tá assim, todo o Brasil está assim nessa

falta de segurança, nesse descaso do poder público, que não investe no lazer na educação. (Chapa Halls, 2016).

Se por um lado apesar da ausência de uma força controladora, representada pelo Estado, os moradores do bairro consegue manter um ambiente de solidariedade e liberdade para a ocupação de espaços, por outro, deixa a população em um estado de carência de serviços básicos:

Aqui a gente uma população, se eu não me engano, 26 vilas, de 60 mil pessoas, e hoje não tem uma escola que tenha segundo grau, o pessoal que quiser uma educação melhor tem que estar saindo fora da vila, sem necessidade, por aqui dentro a gente poderia ter um segundo grau para poder cursar. Esse é o ponto, e ainda estamos enfrentando alguns pontos negativos, e esse é o ponto negativo que nós estamos enfrentando aqui no bairro. (Chapa Halls, 2016)

1.3 “Qual a tua caminhada?⁸”: percursos dos “manos”

Até agora o caminho da pesquisa tem seguido os deslocamentos do Dano e mais recentemente do Chapa Halls. A minha relação com o Dano vem desde os anos de 2002, 2003, no tempo em que eu estudava Ciências Sociais na UFRGS e ele História na FAPA. Nos conhecemos na Av. Osvaldo Aranha por intermédio de um amigo em comum. Eu estava envolvido com o movimento estudantil na UFRGS e ele com o movimento na FAPA e o Movimento Hip Hop. Comecei a acompanhar eventos de Hip Hop com ele e seu grupo que na época

8 “Caminhada” é uma expressão recorrente usada por ativistas do Hip Hop e por jovens de periferia para indagar e explicar um movimento, uma ação ou mesmo um direcionamento, que pode ser casual ou mesmo representar uma mudança ou atitude significativa em suas vidas.

era o Fita d´Favela, composto também pelo Duda e pelo Zig⁹. Nos encontros estudantis de área das Ciências Sociais iniciou-se um intenso debate sobre como poderíamos interagir com os movimentos sociais nesses encontros. A partir desse diálogo fortalecemos laços, enquanto emergia no Brasil a luta pela implementação de Ações Afirmativas nas universidades públicas brasileiras.

Quando o debate das Cotas chegou na UFRGS já haviam pessoas do movimento negro ligadas a Universidade, sejam na condição de servidor, professor, ou de militante do movimento. A partir daí minha inserção junto ao Hip Hop se intensificou até concluir o curso em 2010, defendendo TCC com o tema do Hip Hop. Mudei de Estado, retorno no final de 2014, onde comecei uma rearticulação com o Dano e o Duda. Comecei participando de atividades ligadas ao movimento, até que ano passado ingressei no PPGANT/UFPel retomando o tema do Hip Hop, mantendo as relações com o Dano e o Duda. Eles mudaram de grupo e fundaram o D´Rua, onde entrou o Marcelo M.

No processo de rearticulação que conheci o Chapa Halls, até que ele participou do I Seminário de Hip Hop na UFRGS, realizado ano passado. Assim começamos a estabelecer uma relação de colaboração na pesquisa, e estamos caminhando juntos nesse percurso da vida, do Movimento Hip Hop e da Academia.

Abaixo, procuro reconstituir a trajetória dos sujeitos/protagonistas que foram entrevistados até o momento, de forma a compreender a relação que mantém com o Bairro Mário Quintana e o Hip Hop como uma forma de mediação com este local e com outros espaços que ocasionalmente ocupam na cidade:

9 Duda mora no bairro Orfanatrópio, é rapper e grafiteiro, e Zig mora no Morro Santa Tereza, ele fez parte do grupo Fita d´favela, mas se afastou do grupo. Após esse desagrupamento, Dano e Duda se reagruparam como D´Rua acolhendo o Marcelo M nessa formação, que morava no bairro Rubem berta e atualmente reside em Cachoeira do Sul. Duda e Marcelo deverão ser entrevistado ainda este ano.

1.3.1 Nêgo Dano, grupo *Rap D'Rua*



Adriano Rodrigues da Silva nasceu em Porto Alegre no ano de 1980. Nego Dano tem uma ligação com a música a partir de seu avô que era membro fundador da escola de samba Acadêmicos do Samba.

Trabalha atualmente como oficineiro (oficinas de Hip Hop) e faz “bicos” (construção civil, etc.). Conforme relata:

“Já trabalhei em um monte coisas: na Termolar, fábrica de calçados, fábrica de fraldas, dez tipos de fábricas diferentes, trabalhei muito tempo em oficina mecânica também. [...] Terminei o segundo grau e no caso já fiz Enem, já fiz vestibular, mas ainda não consegui entrar numa universidade, mas tamu aí no corre. Queria estar estudando História. Porque História conta história! (risos) Por isso que eu gosto de História (Dano, 2016)”

O que Nego Dano exprime remete para a reprodução de uma mesma condição social através das gerações, cuja principal característica é a precariedade do acesso ao trabalho formal. Ao abordar na entrevista a trajetória profissional dos pais, relata:

Diogo: tu poderia falar um pouquinho dos teus pais, qual a trajetória profissional deles?

Dano: o meu pai e minha mãe no caso assim como outros, eram outros tempos, trabalharam em tudo que é subserviço que tu pode imaginar, até que determinado ponto da vida tiveram a oportunidade sim de trabalhar na prefeitura, e aí se

aposentaram pela prefeitura(de Porto Alegre). E naquele tempo os concursos eram diferentes.

Diogo: E o que a tua mãe fazia lá na prefeitura?

Dano: Minha mãe entrou como faxineira, e se aposentou como contínua, trabalhava com a administração, protocolo essas coisas assim, por ser uma pessoa comunicativa teve esse ponto, conseguiu sair da faxina. Meu pai trabalhava na SMOV, trabalhou com asfalto, depois iluminação pública.

(Dano, 2016)

1.3.2 Chapa Halls, grupo *Alvo X*

Anderson Luis Silva da Silva nasceu em Porto Alegre, tem 34 anos, está solteiro, e tem uma filha de 10 anos. Ele chegou a morar em uma ocupação do Movimento do Sem Teto com a mãe da sua filha, mas depois que eles se separaram decidiu voltar para o Mário Quintana. Chapa Halls completou o ensino médio e pretende cursar jornalismo como uma forma de complementar o trabalho que ele faz no Hip Hop. Ele nasceu na Bom Jesus, mas foi no MQ que sua família conquistou sua própria moradia:



“Eu nasci na Bom Jesus, fiquei até meus sete anos lá, na época o meu pai tinha conseguido um emprego de zelador, no qual ele tinha que mora no serviço, então a gente foi morar lá na Praia de Belas, no edifício que ele trabalhava, e aí em 94 ele perdeu esse serviço, e automaticamente a gente veio morar pra cá, pro bairro MQ, onde nós tivemos a condição de ter nosso lar, nosso mesmo, até por enquanto na Bom Jesus era uma casa alugada, e foi aqui que a gente conseguiu nosso canto mesmo, nossa casa própria. (Chapa Halls, 2016)

O histórico profissional e familiar de Chapa Halls também se assemelha com o do Dano quando o tema é precariedade ao trabalho formal e relações familiares. Ambos foram criados principalmente pelas suas mães que se separaram de seus pais. Atualmente ele e sua mãe têm um pequeno comércio no bairro, no espaço da sua casa, inspirado no tempo em que eram camelôs no centro da cidade:

Diogo: E os teus pais, qual o histórico profissional deles?

Chapa: Minha mãe sempre foi camelô, meu pai trabalhou como zelador. Meu pai faz desde 1999 que eu não vejo ele, então hoje eu não tenho uma ligação próxima com ele. Quem é meu pai e minha mãe é minha mãe. É essa aí que eu tenho o maior respeito, e que eu tento ajudar na medida do possível.

Diogo: E tua mãe trabalha contigo na loja?

Chapa: Trabalha comigo, hoje em dia somos sócios, tanto que nesse trabalho que a gente faz informal (o do Hip Hop), fora da minha loja, ela que me apoia, ela que fica tocando enquanto eu to girando por aí. (Chapa Halls, 2016)

Podemos analisar as semelhanças entre Dano e Chapa Halls em vários aspectos. A valorização das pessoas do local, o problema da violência e da estigmatização, as dificuldades no acesso ao trabalho formal. E não é só na descrição dos pontos positivos e negativos sobre o MQ, também possuem uma ligação com o samba, Diferente de Dano, Chapa Halls não tem uma relação direta com o parentesco e sim com a amiga de sua mãe que era sambista e escrevia letras de samba para a comunidade sambista na cidade.

É nesse contexto que o hip hop emerge como uma linguagem de construção de outras representações sobre o bairro, que espelhe outras vivências dos seus moradores que convivem com a violência, mas não se limitam a ela:

E o bairro aqui pra mim, sempre que eu estou e posso, eu falo em nome do bairro, que a nossa luta, a minha luta principal é transformar o bairro MQ num ponto de referencia cultural de Porto Alegre. Tirar essas imagens que o pessoal que não é daqui têm: “Bah o bairro MQ, nossa, é ponto de violência” e a minha luta e a luta dos demais irmão que se pecha, é fazer aqui um ponto de referencia, mostrar o lado bom, tem uma pá de pessoas trabalhadoras, uma pá de pessoas que lutam e apesar das dificuldades são pessoas honestas, trabalhadoras, são pessoas gente boa, simples, humildes, e de um grande coração. Então essas pessoas que a gente tenta representar, que a gente tenta trazer algumas atividades para essas pessoas, principalmente para essa molecada que tá vindo agora. Por que na nossa época a gente não tinha isso aí, na nossa época a gente tinha o skate, se pechava na madrugada pra trocar umas idéias, e muitos irmãos, muitas irmãs a gente perdeu por causa dessa violência. Então a idéia é a gente estar recuperando essa rapa(ziada) aí, se não for pelo lado da música, mas dar alguma atenção positiva pra eles. Essa é a nossa luta toda aqui no bairro, e enquanto a gente tiver força essa vai ser a nossa militância, essa vai ser a nossa luta. Por mais barreiras que a gente enfrente diariamente, falta de apoio, essa vai ser a nossa luta.

Enquanto a gente tiver força vamos estar nessa luta, mudar o bairro e quem sabe ser um ponto de referencia para essa molecada aí, essa é a nossa idéia. (Chapa Halls, 2016).

1.4 Entre o “Mário Quintana” e a diversidade das vilas: deslocamentos territoriais e afetivos

Mário Quintana contada em prosas e versos

Dos barracos de madeira aos becos de difícil acesso

Dos campos de terra ao valão Mirim,

Fumaça um, Fumaça dois,

Mutirão Valneri, Safira, Batista Flores

O que nos une são diversos fatores

Vontade de vencer acima de tudo

Coragem de enfrentar o mundo

Com muito respeito

A 497 pode crê

Ideias realistas pra prevalecer

Mais um elo da corrente

Segundo sempre em frente

Nosso objetivo é o mesmo

E estamos junto minha gente

Mas no dia a dia o que vale é a coragem

Representado CHF (Chácara da Fumaça)

Sempre na humildade, na humildade

Mário Quintana, Quintana

Me convocaram aqui estou mais um gladiador direto da Bom Jesus

Com meus parças sem trapaça completando a família o time mudou mais e a mesma correria

470 e o brasão carrego a união da 17 não se mete vamos até o Capão

Tudo junto lado a lado formando a corrente

A partir de hoje ninguém segura a gente

Verme sai da reta a cobrança vai ser direta

Quando ouvir o meu som, sabe q não vai ser bom, punição pra cuzão, talarico ladrão, Que não acreditou, não valorizou, então chora infeliz te liga na raiz

2014 nova cara alvo X

Mário Quintana, Quintana

Manifestante erga o semblante

A confiança sangue bom

Abraça a ideia

Compromisso favela sem dar guela para bandidão cuzão

Tá no Capão de arma na mão

Assustando a população

Pagada feia tem criança tem coroa

No meio dessa treta

O pedaço dos outros tem que ser respeitado

Cada um com seu espaço sem fracasso

Eu quero a paz Um algo mais só se faz se correr de atrás

Mas tá valendo

Vamos seguir em movimento

Sem perder tempo

Nem o respeito

Da zona nordeste, CHF manifesto

(Letra: Mário Quintana, Grupo: Alvo X, II versão, 2014.)

A música acima representa a versão do grupo Alvo X sobre o que seria o bairro, seus desafios e as alianças que compõem a formação do grupo com rappers de outros bairros, no caso com o Fubu do bairro Bom Jesus, que é o bairro de origem do Chapa Halls. Ela descreve a precariedade do bairro em relação aos equipamentos públicos urbanos, e a luta diária dos moradores por respeito, dignidade e principalmente pela sobrevivência. Dano e chapa Halls possuem compreensões sobre o bairro a partir das vilas em que residem.

Nego Dano nasceu na Vila Jardim, mas atualmente reside na Vila Safira, uma das que compõe o bairro MQ.

No caso Minha avó (materna) sempre morou aqui no bairro. Eu nasci na Barão de Bagé, na Vila Jardim, e vim pra cá depois. Eu sempre vinha pra cá direto com a minha família e foi isso. [...] Que a minha mãe fala e eu me lembro, na real, que na minha memória eu sempre estive aqui. Sempre estive aqui, por que eu vinha pra cá direto. Passava muito tempo aqui, minha mãe ia trabalhar e a gente ficava com a minha avó. E me lembro que com seis anos, a gente veio em definitivo pra cá. (Dano, 2016)

Ele fez deslocamentos de residência por vários locais da vila Safira, por outras vilas da cidade (Cruzeiro, Santa Tereza, Cohab Cavallhada...) e também em outros estados. Mas manteve a Vila Safira como o ponto fixo de referência...

Diogo: e no caso por que tu resolveu morar em outros lugares e por que tu resolveu voltar pra cá.

Dano: Eu penso que aqui é o meu lugar. Gostou muito de ir pra outros lugares, mas gosto muito de voltar pra cá também. Eu vejo assim, que todo mundo tem o direito de querer ir e voltar, e ter essa possibilidade. E nisso eu sou um privilegiado, que tive a oportunidade de ir à outros lugares e voltar de cabeça erguida, e voltei mais por que eu tenho coisas para fazer aqui. Que eu não fiz ainda, e que eu vou fazer entendeu? E de repente não seja só para mim, nem é só para mim, mas é pros outros. Tenho as minhas coisas pessoais que eu quero fazer, e tem as coisas para esse lugar aqui, para este bairro, para estas pessoas daqui. (Dano, 2016)

Dano nos mostra que gosta de morar em outros bairros, mas que acaba voltando para a sua vila. Estes dados, a música, as entrevistas nos remetem a noção de que há uma sobreposição de referências territoriais, uma tensão entre a forma como os moradores percebem o espaço, a partir dos vínculos concretos de pertencimento, e a nomeação de uma área geográfica oficial (como Mário Quintana).

Pode ser estratégico para a prefeitura nomear o espaço enquanto um bairro da cidade, pois está situado em uma zona limítrofe. Mas ao mesmo tempo, a própria nomeação do bairro poderia ser interpretada como uma resposta do poder público às demandas e mobilizações por regularização fundiária de posses constituídas por meio de ocupação. Nego Dano informa do processo de regularização da Vila Jardim do Verde, vizinha da Vila Safira, que implicou “uma caminhada daqui até o centro, até a Prefeitura de Porto Alegre”:

Era a última vila limite entre porto alegre e Viamão, nessa região. E a gente está num triângulo, ali é Viamão, aqui é Alvorada, é a última vila, o último recanto que nunca foi assistido em nada, depois de muita luta, da minha parte, da dona Vera, que é uma líder comunitária, mas teve muito da minha mão, e acho que isso é irrelevante, minha intenção não foi essa, de querer ganhar crédito nisso entendeu, mas lutar pela minha própria moradia e vendo que era pela moradia de várias outras pessoas que precisavam. Tem 500 famílias aqui que reverberou em outras partes da vila (Dano, 2016)

Chapa Halls desde que se mudou para o MQ em 1998 sempre morou na vila Chácara da Fumaça, ou CHF como costuma se referir à vila. Interessante pontuar que o próprio nome Chácara da Fumaça remete a uma história anterior a da nomeação da área como bairro.

Outro ponto importante que pode ser observado no bairro Mário Quintana refere-se à regularização fundiária. Esse é um ponto de tensão permanente com o poder público, o bairro tem as vilas que passaram pelo processo de regularização e também tem as vilas que foram ou estão sob ameaça de despejo. Na vila Tarso Dutra por exemplo é possível ver casas destruídas em terrenos que foram alvos de desapropriação pelo poder público.

Ao analisarmos a relação entre moradores e as vilas com o bairro, percebemos que as vilas são uma referencia mais forte do que a noção de pertencimento ao MQ. Como diz o próprio Dano “O bairro Mário Quintana tem 32 sub vilas que compõem o bairro. E as 32 sub vilas tem alta dificuldade em identificar o bairro como MQ. Cada um se intitula como sua própria vila. Daí são vários fatores.”

1.5 Quilombo Favela

O Quilombo Favela surge na luta pela moradia do Dano, quando ele se uniu a outras famílias que lutam pelo mesmo objetivo. A doze anos atrás ocuparam uma área ao lado da vila Safira, que nomearam como Jardim do Verde:

Eu: Qual é essa vila aqui?

Dano: Essa aqui é o Jardim do Verde. Número 10040 da av. Protásio Alves, final da Protásio Alves, quase, era a última vila limite entre Porto Alegre e Viamão, nessa região. E a gente está num triângulo, ali é Viamão, aqui é Alvorada, e a última vila, o último recanto que nunca foi assistido em nada, depois de muita luta, da minha parte, da dona Vera, que é uma líder comunitária, mas teve muito da minha mão, e acho que isso é irrelevante, minha intenção não foi essa, de querer ganhar crédito nisso entendeu, mas lutar pela minha própria moradia e vendo que era pela moradia de várias outras pessoas que precisavam. Tem 500 famílias aqui que reverberou em outras partes da vila. (Dano, 2016)

O Quilombo Favela então surgiu como um espaço para a elaboração de projetos sociais e culturais que entrem no cotidiano da vila e do bairro. Foi nesse espaço que aconteceu entrevista com o Dano em julho do presente ano. Desde 2005 que eu frequento o espaço do Quilombo Favela, geralmente acompanhado do Dano. O espaço é um terreno de aproximadamente de 20 metros de frente por 10 de fundo. Possui árvores grandes, o que demonstra que Dano se interessa em manter o terreno arborizado e aberto. Foram construídas duas pequenas casas no espaço. Uma que já foi demolida e outra que foi erguida ao lado da antiga casa. Essa que está de pé é usada como moradia. A casa é de madeira reutilizada em outras obras, o local não tem

banheiro, e em muitas conversas Dano enfatiza que quando o banheiro for construído o espaço poderá receber mais atividades, e mais frequentemente.

Esse ano foi realizada uma festa junina para as crianças da região, onde foram distribuídas bebidas e comidas feitas com doações da própria comunidade sendo distribuídas gratuitamente durante a festa. Reconheço que devo explorar mais o histórico do espaço, o que não foi possível fazer na primeira entrevista. De qualquer forma esse espaço materializa a luta do Dano não só por um espaço de moradia, mas também um espaço que tenha um uso social e comunitário na vila Jardim do Verde e região.

1.6 Os Coletivos do Bairro

Podemos afirmar que atualmente os grupos Alvo X, Artigo 288, D’Rua, compõem o centro articulador do Hip Hop no Mário Quintana. Esses grupos se envolvem com outras organizações, como a Ong SUVE (Vila Eucaliptos), os campos de futebol como o Vasco ou Vasquinho (Vila Safira), a Ong Tribo de Leão (Vila Tarso Dutra) cujo enfoque é dar formação musical em instrumentos para crianças e jovens. Trabalham também com a questão ambiental, transformando o óleo de cozinha colhido na região em sabão que é vendido como forma de gerar renda e ajudar na manutenção da Ong e seus projetos.

Dano tem como referencia de hip hop no bairro o grupo Alvo X e destaca a presença de ativistas do Hip Hop oriundos de outros bairros que já passaram pelo Mário Quintana(MQ):

Dano: O MQ eu posso te dizer que há muito tempo tem o Hip Hop entendeu, e muitos da cena do hip hop que moravam e moram no MQ, e hoje pra mim referencia no bairro é o grupo Alvo X, nem eu me vejo assim, até por que eu já aqui e questão de andar em outros lugares também eu não me vejo assim, eu já vejo a referencia, e no bairro eu nem preciso

perguntar quem é o grupo mais conhecido no bairro MQ, por que é o Alvo X pra mim. Era a Alvo X e o Código X que era ali da Chácara da Fumaça (CHF) e da Wensceslau, uma das 32 vilas do MQ, o Código X né(acabou) mas os guris continuam firmes e fortes, o Chapa Halls, o Catatau, e agora tem o Espanto, o Fubu, e tão tocando o bagulho.

Diogo: Mas aí tu tava falando que tem uma galera que é referencia e já morou ou mora aqui no MQ, quem que é essa galera mais da antiga?

Dano: Na real o Celso morava na vila aí, o Prego moro aí um tempo, e outros, o próprio Mário Pezão andou um tempo aí também e são referencias do hip hop e trajetórias diferentes. O próprio Nego Duda morou aí na vila.(Dano, 2016)

2. Mobilidade e o Movimento Hip Hop em Porto Alegre

2.1 Pensando Diásporas

Iniciaremos esta reflexão tomando como referencia o trabalho de Stuart Hall e Paul Gilroy, que se dedicaram em trabalhar com o conceito de diáspora.

Hall era jamaicano e se mudou para a Inglaterra para estudar. Gilroy é inglês e se dedicou a estudar as relações de diáspora, notadamente no livro *Atlântico Negro*, onde pesquisa a relação das culturas da diáspora negra com a modernidade (pensamento ocidental). Ele se perguntava como caracterizar as culturas da diáspora africana nas américas? Como contar essas histórias que até então eram narradas de forma linear pelos europeus? Se os colonizadores europeus classificam os africanos de forma estereotipada, por outro lado os africanos criaram laços de solidariedade a partir da categoria negro e africano. O Pan-Africanismo representaria a construção de uma grande irmandade nesse sentido. Gilroy tinha o interesse em perceber o sujeito negro na modernidade, ele pensou então a noção de dupla consciência¹⁰. Em uma situação de diáspora não há como ter uma identidade fechada, é preciso negociar com os diversos mundos, inclusive com os processos de dominação (GILROY, 2001, p. 35), gerando um processo intenso de trocas.

A tradição seria entendida como algo mutável, alicerçada em princípios semelhantes indissociáveis entre ética e estética ou política e cultura. Essa mutabilidade abriria espaço para pensar as relações em diáspora como um sistema de fluxos culturais negros híbridos. Essa posição difere da dureza das teorias do nacionalismo negro estadunidense, de seu essencialismo ontológico e estratégico. Para Gilroy, o ser negro passa pela construção de um sujeito simbolicamente aberto para múltiplas formas de subjetivação no mundo contemporâneo e globalizado. Um ser negro que clama por justiça e pela desracialização do mundo. Há então dois mundos: o mundo real racializado, e o mundo que se pretende construir, portanto, trata-se de um mundo utópico. A

¹⁰ Conceito original de W.E.B. DuBois.

construção de um mundo sem uma racialização subordinadora, por meio da construção de uma “política de realização”, a qual busca a efetivação de uma “promessa social e política que a sociedade presente tem deixado irrealizada” (GILROY, 2001, p. 95). Esse tipo de política se faz como uma comunicação discursiva e pode ser berrada, gritada ou cantada. Quando um rapper canta uma letra para um determinado público, que o escuta afirmando sua condição de negro no novo mundo, propondo o que pode ser feito para desracializar o contexto em que ele está inserido, está produzindo uma política de realização, utópica, mas reconhecida em seu meio como algo necessário na luta contra o racismo. Gilroy propõe uma política complementar a esta que acabamos de tratar, a política de transfiguração. A transfiguração estaria no surgimento de desejos, em vivenciar outras formas possíveis de relações sociais, e solidariedade entre a comunidade racial interpretando a sua situação e a de seus opressores. Ela pode ser dançada, cantada, pintada, ela se transfigura a partir de suas expressividades. As políticas de realização e transfiguração se complementam, enquanto a primeira ensaia o discurso e a narrativa a serem expressos, a segunda oferece a materialidade dessa utopia proposta no discurso e nas expressões artísticas, que para esse projeto referem-se aos elementos ou artes da cultura Hip Hop, daí a sua importância em estudá-los.

Examinar o lugar da música no mundo do Atlântico Negro significa observar a autocompreensão articulada pelos músicos que a têm produzido, o uso simbólico que lhe é dado por outros artistas e escritores negros e as relações sociais que têm produzido e reproduzido a cultura expressiva única, na qual a música constitui um elemento central e mesmo fundamental. Desejo propor que o compartilhamento das formas culturais negras pós-escravidão seja abordado por meio de questões relacionadas que convergem na análise da música negra e das relações sociais que as sustentam. Um procedimento particularmente valioso para isso é fornecido pelos padrões distintivos do uso da língua, que caracterizam as populações contrastantes da diáspora africana moderna e ocidental. (GILROY, 2001, p. 161)

Stuart Hall pensava a relação diaspórica como um rompimento de fronteiras. Para ele não existe identidade sem discurso e o discurso estaria envolvido pela realidade, pelos significados atribuídos a ela. A experiência histórica comum é compartilhada como códigos culturais. Hall reconhece a importância de problematizar as representações em suas formas culturais na produção de discursos de resistência contra-hegemônicos, aí estaria a potência política de um processo global anti globalização capitalista. Em sua análise, o que unificou os povos em diáspora foi a experiência comum de desenraizamento de África e o trabalho forçado nas *plantations*.

Nesse encontro entre diásporas é que podemos perceber as similitudes e as diferenças entre os locais de dispersão da população negra pelo mundo, não no sentido paisagístico, e sim no que tange às proximidades e diferenças sociais e culturais que aproximariam esses coletivos, a sua condição de negro no mundo moderno globalizado. O que esses exemplos sugerem é que a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias sempre em processo de reinvenção.

Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições (HALL, 2003, p. 30). Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estaríamos sempre em processo de formação cultural. A cultura então, não seria a expressão de uma ontologia, de ser, mas de se tornar.

Em suas formas atuais, desassossegadas e enfáticas, a globalização vem ativamente desenredando e subvertendo cada vez mais seus próprios modelos culturais herdados essencializantes e homogeneizantes, desfazendo os limites e, nesse processo, elucidando as trevas do próprio "Iluminismo" ocidental. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão

naufregando nos rochedos de uma diferenciação que se prolifera (HALL, 2003, p. 44). Os fluxos não regulados de povos e culturas são amplos e irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia. Aquela inaugura um novo processo de "minorização" dentro das antigas sociedades metropolitanas, cuja homogeneidade cultural tem sido silenciosamente presumida. Mas essas "minorias" não são efetivamente "restritas aos guetos", elas não permanecem por muito tempo como enclaves. Elas engajam uma cultura dominante em uma frente bem ampla. Pertencem, de fato, a um movimento transnacional, e suas conexões são múltiplas e laterais. Marcam o fim da "modernidade" definida exclusivamente nos termos ocidentais (HALL, 2003, p. 45).

Podemos perceber que os estudos culturais, apresentados de forma sucinta, por estes dois autores, tratam de questões pertinentes em relação às histórias dos processos formadores de diáspora negra, iniciadas pela modernidade colonial europeia e a relação com os contextos atuais com os quais os pesquisadores se deparam. A solidariedade e o sentido de pertencimento são atravessados por intercâmbios culturais intensos e pela experiência da opressão sofrida desde o início do processo de escravização e dispersão de povos da África pelo mundo.

Se este é um ponto de partida relevante para os estudos afro-americanos, então podemos instrumentalizar as análises referentes à estes estudos no Brasil? Ao que parece, a resposta está em perceber a diversidade de fluxos culturais negros transitando pelo que Gilroy definiu como Atlântico Negro. Ao menos para o caso do Hip Hop em Porto Alegre.

Em um recente diálogo com ativistas do movimento Hip Hop percebi que a trajetória artística deles de certa forma têm algum envolvimento com a trajetória artística e política de algum parente mais velho. São pessoas que vieram de outras regiões e hoje estão morando em bairros de periferia na cidade. Os ativistas então mostram um engajamento empreendido em favor de seus territórios e de suas práticas de territorialização (ANJOS, 2006). Essas produções simbólicas, realizadas através do *Hip Hop*, carregam histórias que devem ser trazidas para o texto antropológico como uma narrativa diaspórica

de resistência frente a imposição de uma lógica de urbanização a que são submetidos os povos que não se enquadram nos ideais de progresso ocidental.

Ao mesmo tempo em que o movimento *Hip Hop* se dispõe e se organiza para disputar políticas públicas de cunho afirmativo, podemos ver as relações de solidariedade próprias da diáspora negra. Estou me referindo ao fato de que, grosso modo, a comunidade negra jovem aciona a categoria racial como forma de mostrar afinidade com um outro com quem compartilha de uma mesma condição. Por exemplo, é frequente ver os rappers se referindo ao outro precedido da palavra *nego* (negro): “Bah, e aí Nego Duda, vamos gravar aquele som?!”. Esse exemplo pode ser relacionado a outros estudos no contexto de diáspora como os estudos de Mintz e Price (2003, p. 67), quando eles descrevem que na Jamaica o termo *parceiro de bordo* era usado com o mesmo sentido de irmão ou irmã, era um laço precioso que os africanos mais prezavam. Assim como as crianças chamavam de tios e tias os parceiros de bordo de seus pais. Não se trata de uma afinidade biológica e sim de um conteúdo simbólico semelhante, em uma relação diádica entre pessoas que viveram um mesmo infortúnio.

Nesse sentido, Hall expõe o hibridismo como uma forma de pensar essas relações entre a modernidade e as culturas sem cair numa perspectiva assimilacionista. O “parceiro de bordo”, o “mano”, o “nego”, estão presentes de forma mais ampla numa representação hifenizada da relação entre diferentes culturas e a modernidade, é o que vemos em termos como “afro-americana”, “afro-brasileira”, “afro-caribenha”. Ao mesmo tempo que essas categorias expressam uma relação com um contexto comum – o ser afrodescendente –, elas também expõe a situação colonial em que se encontram e se desenvolvem – brasileira, caribenha, estadunidense, americana.

Para outros ainda, a hibridização está muito avançada — mas quase nunca num sentido assimilacionista. Esse é um quadro radicalmente deslocado e mais complexo da cultura e da comunidade do que aqueles inscritos na literatura sociológica ou antropológica convencional. O “hibridismo” marca o lugar dessa incomensurabilidade. Em condições diaspóricas, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas (HALL, 2003, p. 76).

Tanto o conceito de Atlântico Negro como o de Hibridismo nos apresentam possibilidades de refletir o processo de subalternização a que foi submetida uma diversidade de povos pelo mundo desde uma perspectiva que tenha a cultura como referência para se pensar esses processos. Para isso é fundamental compreender que essas categorias e disputas emergem em contextos específicos, não podendo haver generalização ou simplificação desses contextos expressos no discurso racializado, seja pela cultura, seja pela modernidade e os processos de influência do capitalismo.

Nesse sentido, Hall traz o problema da diferença entre brancos e negros em um mundo ocidentalizado (2010). A diferença, nos estudos culturais, se daria basicamente pela contribuição de quatro explicações teóricas. Linguística, dialógica, antropológica e psicanalítica. As relações, os diálogos que produzem negociação, a cultura que coloca fronteiras simbólicas, a subjetividade e sua relação com os diferentes significados, teriam um laço profundo na relação entre diferentes povos. (HALL, 2010, p. 423). Como poderíamos então pensar as categorias de diferença e de “outro” no curso das análises da representação racial?

Uma resposta inicial seria apresentar três encontros entre o “ocidente” e a população negra (HALL, 2010, p. 424). Um primeiro que se deu a partir do século XVI, onde se inicia o processo de negociação com grandes reinos do ocidente africano e a escravização em massa, durante três séculos, de diversos povos negros. Um segundo, notadamente no século XIX, em que os países europeus se lançam na disputa por territórios coloniais durante o “Alto imperialismo”. Nesse contexto a Inglaterra vitoriana se destacava, e vendia as conquistas imperialistas estampando os rostos dos conquistadores aventureiros e de suas conquistas nas mercadorias que produziam.

O sabão pode ser entendido como um objeto fetiche, pois representava a pureza da civilização inglesa. O sabão tinha, no imaginário inglês, o poder de limpar a pele negra e tornando-a branca. Ou seja, a publicidade produziu um discurso de superioridade dos brancos sobre os negros e da importância do empreendimento de embranquecer os territórios colonizados através do

cristianismo e da miscigenação (HALL, 2010, p. 425). O espetáculo vendia uma ideologia racista apresentando a metrópole inglesa o sofrimento e a humilhação dos castigos impostos aos negros e o sucesso de sua missão imperialista. E um terceiro encontro, pós II guerra mundial, onde populações negras do terceiro mundo migraram para a Europa e América do Norte.

Os três encontros nos ajudam a pensar o estereótipo produzido pelo ocidente para se referir de forma excludente a população negra. A matriz da estereotipificação dos negros está na hipótese da inferioridade dos negros em relação aos brancos. Segundo essa hipótese, os brancos se distinguem socialmente, pois agem segundo princípios racionais e civilizatórios e suas características biológicas corresponderiam a de um ser cultural. Já os negros representariam um imaginário de seres místicos, promíscuos em sua sexualidade, ligados a selvageria da natureza, ficando ligados para sempre a essa condição de ser natural, por isso fixo e imutável, eternamente anacrônicos em relação ao desenvolvimento e progresso dos ocidentais europeus (HALL, 2010, p. 428). A estereotipificação tende a ocorrer em contextos de grandes desigualdades sociais, onde o poder é usado contra o grupo subordinado ou excluído.

Os estereótipos estabelecem fronteiras simbólicas em relação aos que são elegidos como anormais, portadores de patologias, os que são inaceitáveis pela sociedade e seus tipos sociais normatizadores. Há uma governabilidade violenta e controladora para os segmentos estereotipados, para aqueles que recebem a pecha de “outro”, dada pelos “nós”, por uma sociedade dominante estabelecida nessa diferença desigual (HALL, 2010, p. 431).

Dialogando com pensadores tais como Foucault, Said, e Gramsci, Hall se aprofunda para entender o que seria esse poder formado pelo ocidente. No que se refere às sociedades industriais o poder é hegemônico, está em tudo, e não apenas coage simbólica ou fisicamente, o poder também seduz, circula e produz novos discursos e conhecimentos, como o orientalismo classificando o outro de modo a impor diversos interesses. A infantilização do negro, por exemplo, representa um estereótipo paradoxal entres os discursos onde o poder circula e se articula. Ao infantilizar o homem negro, o branco busca

castrar o estereótipo já estabelecido da hiper sexualidade do homem negro (HALL, 2010, p. 435). O homem branco transforma o homem negro em criança para impor sua lógica de dominação, afirmando que só o branco é capaz de dirigir a sociedade branca e o destino dos negros, ao passo que invoca o estereótipo do selvagem, insaciável sexualmente para reprimi-lo, evitando que ele se relacione com as mulheres brancas, ao passo que usa como pretexto para justificar o abuso sexual cometido contra as mulheres negras. Por outro lado, homens negros podem se valer deste estereótipo sexual e da força física para se imporem contra o desejo do branco, e da violência que estes lhes dirigem. Os negros, dessa forma, se firmam como homens “machos”, capazes de tomarem suas próprias decisões e reagir de forma violenta aos poderes repressivos como a polícia. Ao fazerem isso estão combatendo o discurso de inferioridade que os brancos os condenaram para eternidade, mas sim se rebelam contra o domínio com aquilo que os brancos desconhecem e mais temem, a capacidade de resistência. Esse exemplo junto a outros, pode nos ajudar a pensar se é possível construir estratégias de *trans-codificação* e ou *contra-estratégias de intervenção*. Ou seja, seria possível transformar o sentido desses estereótipos em um discurso positivo na agenda da população negra (HALL, 2010, p. 439)? Nos EUA após o movimento pelos direitos civis houve uma afirmação mais agressiva em relação à identidade cultural negra. Na década de 1970 foram produzidos diversos filmes com personagens negros que escapavam dos estereótipos, com atores negros que assumiam papéis de heróis e vilões, de bons e maus, ou seja, viviam integralmente os atributos da humanidade. Não melhores nem piores que o branco, mas podiam ocupar diversos papéis nos filmes, se vestiam com luxo, moravam em casas luxuosas a partir de suas referências culturais. Assim se poderia trans-codificar a representação estereotipada do negro e afirmar que o negro é belo por exemplo. Como destacou Hall:

Hemos examinado la *estereotipificación como práctica representacional* mirando la forma como funciona (esencializando, reduciendo, naturalizando, haciendo oposiciones binarias), las formas en que se enreda en el juego del poder (hegemonía, poder, conocimiento) y algunos de sus efectos más profundos, más inconscientes (fantasía,

fetichismo, desmentida). Finalmente, hemos considerado algunas de las contra-estrategias que han intentado intervenir en la representación, trans-codificando imágenes negativas con significados nuevos. Esto se abre hacia una política de representación, una lucha sobre el significado que continúa y no está terminada. (HALL, 2010, p. 443)

As posses, as crews, os grupos de rap, de grafiteiros e dj's, os ativistas do *Hip Hop* através dos elementos expressam a luta contra uma sociedade racializada, onde a correlação de força é desigual para os negros e pobres. Ao circularem pelos bairros e cidades esses ativistas estão colocando em prática o que teorizam nos ensaios, a possibilidade política e pedagógica de transmitirem conhecimento qualificado sobre suas realidade e os caminhos para subvertê-los e se emanciparem de forma afirmativa da sociedade que os estereotipificam

O Movimento *Hip Hop* nessa perspectiva diaspórica, atravessa os limites dos municípios, Estados e países. Dano nos dá um panorama mais amplo de como se distribuem as redes no Movimento Hip Hop, e como ela se relaciona com a demanda por políticas públicas, e com a mídia.

Diogo: E os fóruns do *Hip Hop*, como que tá essa organização do Hip Hop em nível municipal, estadual, nacional. Tu tens acompanhado esses processos? Como que tá a cena agora?

Dano: Em nível municipal é o FPHHG, parada que eu participo. Eu acho que também houve uma evolução, é um processo de mudança sempre, a gente vem construindo e pautando várias situações frente aos governos e a gente acredita que o governo deveria usar o hip hop, a gente assim como uma ferramenta, dando a oportunidade do *Hip Hop* não só de ser usado, mas de dar essa gestão desse processo. Não a gente cair na mão de outras pessoas que não tem a mesma sensibilidade para entender esse processo, de como é o nosso processo de criação desse conhecimento, dessa ferramenta. Mas a gente está ali, com várias histórias, construindo política pública de fato, e ali está englobado vários coletivos direto e

reto de várias partes da cidade, de várias partes do Estado. E nacionalmente eu vejo que o hip hop está muito forte e a qualquer momento aquele buuumm, eu acho que ele pode dar aquele buuumm visual e midiático, por que a cultura no Brasil se difunde, ou a cultura em massa no Brasil é vendida assim. Se o movimento *Hip Hop* estivesse na televisão, nos espaços, porque todas as outras culturas tem esse espaço e foram e estão sendo vendidas assim. Eu acredito que o *Hip Hop* não é vendido assim até pelo discurso que ele prega, “empodere-se”, “seja protagonista da sua própria vida”. Tem até uma música do Emicida que diz, ele fala numa frase de uma música dele, “você é o principal responsável pela conquista do seu sonho” ou algo assim”. (Dano, 2016)

Já Chapa Hall descreve a sua rede e enfatiza o bairro como o ponto referencial de seu trabalho junto a outros coletivos e com as pessoas no bairro:

No bairro, com esse lance de fazer parte do movimento Hip Hop e do grupo eu tenho um monte de amizades em boa parte. Em Porto Alegre (P.A) na cidade inteira, Vila Farrapos, que eu tenho meu parceria lá o Dois Tios, que é um mano com quem estamos gravando. Morro Santana, no estúdio do Éder. Bom Jesus, Cruzeiro. A gente faz algumas atividades em Montenegro, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria. E minhas amizades aqui do bairro é o pessoal que toca o cotidiano junto comigo. Graças a deus, como eu tenho um negócio aqui na vila também conheço uma pá de gente, e tenho o respeito deles. (Chapa Halls, 2016)

2.2 O Ensaio de Rua como elemento diaspórico

Segue abaixo uma breve descrição etnográfica realizada no evento Ensaio de Rua RS no dia 17 de julho de 2016.

Foi num domingo ensolarado que aconteceu o Ensaio de Rua 2º edição, organizado pelo Movimento Hip Hop do bairro Mário Quintana. O evento reuniu grupos convidados, ativistas, e o público geral. O evento ocorreu em uma quadra poliesportiva, dentro do Parque Municipal Chico Mendes. O evento foi marcado para iniciar as 14 horas. Ele iniciou com um pouco de atraso, até por que os organizadores estavam envolvidos com um churrasco e ofereciam carne para as pessoas que iriam se apresentar, e para as que de alguma forma estavam envolvidas com o evento. O Ensaio de Rua RS teve sua primeira edição no dia 03/01/2016. Pensado pelo rapper Quebrado¹¹, do grupo Artigo 288, que é morador do bairro, o Ensaio de Rua é um espaço para apresentações de grupos e ativistas ligados ao Hip Hop, sejam artistas, apoiadores, e movimentos comunitários. É um espaço de encontro, de visibilidade, de articulação de políticas de realização e transfiguração (GILROY, 2001), não se limitando a cidade ou regiões, isso varia conforme as articulações e possibilidades de participação. Na primeira edição contou com a participação de bandas de pagode e de reggae, na segunda contou com a presença de uma banda da cidade de Cachoeira do Sul a partir da relação do Marcelo M com o Dano da vila Safira, e que fazem parte do mesmo grupo o D'Rua. Se apresentaram também o grupo Artigo 288, e a Alvo-x ambos do bairro. Dessa vez quem disponibilizou a estrutura sonora foi o grupo Alvo-x. Membros da ONG SUVE prestigiaram o evento, mas dessa vez não colocaram o som. Foi me dito pelo rapper Chapa Halls em entrevista no dia 18/07 que isso foi uma forma de se tornar independente da estrutura da SUVE, essa narrativa vai ao encontro ao dito pelo rapper Dano, que destacou que foi bom ver o

11 Rapper Quebrado, ou Sander Brum mora na vila Chácara da Fumaça e junto com o Chapa Halls elaborou o Ensaio de Rua Rs, realizei entrevista com ele para entender melhor esse processo de construção do Ensaio de Rua bem como de sua biografia.

pessoal do movimento no bairro articular essa independência, abrindo outras articulações.

Por falar em articulações, esse evento conta com dois perfis no facebook, onde se divulgam os eventos, e onde são divulgadas as imagens e vídeos desses eventos, como podemos ver na imagem abaixo:

Imagem nº 04 :Foto acervo perfil do facebook Ensaio de Rua Rs



Ensaio de Rua

Atrações
Dois Tios
D'Rua
Artigo 288
Dj Nique Love

Entrevista
Giovane Byl

Realização
Movimento Hip Hop Mário Quintana

17 de Julho às **14** horas / **Local:** Parque Chico Mendes

Também nessa segunda edição foi lançado o banner que representa o Movimento Hip Hop do Bairro Mário Quintana:



Figura n 5 Banner Ensaio de Rua

A foto abaixo foi tirada para comemorar o final do evento. Podemos ver os integrantes dos grupos, a faixa do movimento Hip Hop de Cachoeira do Sul, a estrutura sonora montada na quadra. Em cima há uma faixa branca com a seguinte frase “PAZ eu uso esta camisa...e você?”.



Imagem 6: II Ensaio de Rua RS

O evento terminou logo após o sol se pôr, até por que o bairro está passando por uma fase de muita violência, nesse mesmo domingo, durante a noite, foram assassinadas duas pessoas no Mário Quintana. Não demorou muito para que o ocorrido já estivesse estampando os grandes jornais da cidade, enquanto que o Ensaio de Rua RS não teve uma nota sequer dessa mesma imprensa. Tal descrição nos apresenta o desserviço prestado por essas empresas de comunicação que reforçam a visão estereotipada ao selecionarem para as suas publicações eventos ligados a violência no bairro e região. Por outro lado, não contribuem para o processo de combate aos estereótipos, processo no qual está empenhado o Movimento Hip Hop no Mário Quintana.

O Ensaio de Rua RS está servindo como um ponto de partida para ampliar essa dimensão dos coletivos e sujeitos no bairro. Até o final do ano acontecerão mais duas edições do Ensaio, onde pretendo trazer um

mapeamento mais elaborado e denso sem a pretensão também de buscar uma totalidade dos coletivos e organizações do Hip Hop e comunitárias no MQ.

No dia 11 de setembro de 2016, aconteceu no Parque Chico Mendes a terceira edição do Ensaio de Rua. Nessa edição aconteceram duas apresentações de rappers mulheres moradoras do bairro MQ. A Paloma ou Pretta Marques da Safira, e a Cristiane Éviss, cuja vila de moradia ainda não tenho conhecimento. A performance da Pretta Marques chamou muito a atenção do público pelo teor de suas letras, que tematizavam questões que dizem respeito ao machismo que é submetido o corpo feminino negro, os estereótipos impostos a população negra, aos seus territórios e a luta afirmativa.

No final de sua apresentação, pedi o seu contato e posteriormente pedi as letras musicais que ela cantou nessa edição do Ensaio de Rua. Segue abaixo as letras:

Segredos De Uma Noite Sem Fim

Com os pés no chão e a cabeça na lua
Pele escura cor da noite
Quero aventuras
Eu vi o jogo das ruas
Em cada bueiro, histórias de uma noite suja
A maldade passa aqui e se insinua
E quem se deixa levar, se perde nas suas curvas
Não querer enfrentar a realidade crua
E os papos de sonhar? Deixa pra lá e continua...
Ainda acredito em juras de amor
E que um sorriso bonito oculta a dor
Me fascina o espírito de cada sonhador
De criar um infinito onde ninguém jamais pisou...
O mundo na verdade é que de quem ousou
E se libertou dos paradigmas que o homem criou.
Não passamos de seres ansiosos
Esperando o que o futuro nos reservou...
Que a minha liberdade venha linda e nua
Seja bem vinda, minha cura
Espero minha calma amansar a fúria
Que eu ainda sinto
Parece loucura...
Quero a rotina de não ter rotina
E me desatina ver algumas fitas aí
Mas eu sei o que faço
Vou me distrair
Quero sair daqui...
Tá tudo errado, isso é normal?
E seu entrar em depressão, é que esse mundo me faz mal...
O real é tão absurdo
Que eu prefiro o meu distúrbio mental
Não tenho

amigos, odeio Natal Vivo nesse plano físico esperando o sinal Eu sou a louca solitária nesse caos Mas só aguardo o meu sinal... 2006 na 26, ouvindo Racionais Deixa o rap com nós, que nós sabe o que faz Eu tinha tudo pra virar uma bastarda chapada, Transando com babacas De alma fraca Mas não, Disso aí eu to protegida No orum, Olorum me vigia Oxalá tbm me guia Minha alma tá nesse mundo Só pra aprender com a vida Segredos de uma noite sem fim Enfim, eu continuo aqui Psicografo o que vem até mim Fotografo olhares que enxergam além daqui... Com uma caneta e papel, fiz meu melhor surgir Observo o horizonte pra evoluir. Evolução constante pra não sucumbir Meus segredos de uma noite sem fim...

Lado Negro

Somos o terror do livro de história Sim, os pretos vão querer se vingar agora! Já passou da hora Descendo das negras abusadas um dia, ora! Se é pra chorar, chora Chora que é pra ver se lava o nosso sangue das suas mãos, não?! Fala aí que uma tal princesa nos libertou E que antes disso era de boa servir sinhô. Não, nós não sangrou, ngm lutou Dandara nem é heroína, né? Falou! Somos apenas dependentes de gente Que nem fez isso pela gente. Um povo alienado que não sabe o seu passado Repete frase racista que nem papagaio. A nossa cor não comove E eles se divertem enquanto os pretos morrem... Eles debocham da escravidão E o próprio preto ri de black face na televisão. O povo não lê, só quer tv TV, novela e malhação Tamo em extinção! Brasil; favela, favela; senzala E os quilombos; versos que o rap fala. É tudo invertido, não repara Aqui julgam o negro e perdoam quem nos dá chibatadas. Vim ser Nina Simone no microfone Escrever no asfalto nossos nomes. Banzo, choro, noites de açoite Consequências? Tem até hoje! Não existe racismo? Vamos aos fatos: Nos tratam que nem lixo Somos humilhados Nos comparam com bicho, Chamando de macaco Nosso padrão de beleza não é adequado Os culpados nos culpam Eles ofendem, mas nós somos os errados. Minha força é do lado negro Por isso que eu mantenho os meus punhos cerrados...

Rabiscos

Escrevendo em linhas retas, palavras tortas. Talvez ideia certa, ou meio neurótica. Rabiscando o que eu penso e o coração sente Me chame de demente, mas ainda estou consciente! Da onde eu venho, é foda. Talentos no gueto sem incentivo, Esse é o perigo! Mas sonho, tenho planos Quero viver bem E que as mina, os mano consigam tbm. Hipócritas nos julgam pela pele Somos motivos de piada Preconceito que fere Mas olha só a nossa cor, Nossas tranças, nosso Black. Falam mal do meu cabelo, Mas imitam nossos dreads. Fode-se, resistimos! Os preto bate de frente, Assim seguimos. Mas o bagulho é quente A dor é nós que sente 111 tiros na gente 5 pretos inocentes 5 vidas 5 almas E ainda querem que a gente mantenha a calma? 5 almas 5 vidas E a família chora na despedida... E olha só o que revolta E não da pra entender: As manas sexualizadas na TV Vistas apenas como fetiche Pra satisfazer o seu prazer. Mulher negra é muito mais que peito, bunda e buceta. Não sirvo pra ser mulata padrão Globeleza Preta em novela serve só pra empregada, Perigete, barraqueira, escrava. Não é blefe Pensa aí, e fique zonzinho Se não acredita em mim, pergunte a Solange Couto! A carne mais barata ainda é a dos pretos A religião humilhada ainda é a dos pretos O lugar esquecido ainda é o gueto Não deixem enganarem os seus pensamentos...

As letras nos apresentam, muitas vezes de forma irônica, uma complexa diversidade de temas e pontos de vista que problematizam gênero, raça, religião, desigualdade, machismo, etc. Paloma traz a questão do empoderamento da população e das mulheres negras. De como após a abolição da escravização de pessoas negras no Brasil, a população negra enfrenta o discurso da sociedade nacional: Um discurso hegemônico, branco, machista e heterossexual, que enxerga a mulher negra como objeto sexual a serviço dos desejos de homens brancos, explorados através de grandes veículos midiáticos como a Rede Globo de Televisão.

Tomando como base o Ensaio de Rua RS e seus desdobramentos, podemos pensar alguns pontos entre o evento e a reflexão teórica.

Um primeiro ponto se refere a essa capacidade que o evento possui de agregar pessoas de diversas partes da cidade e de outras cidades e regiões do Estado. Essa capacidade nos remete aos fluxos diaspóricos (GILROY, 2001), ou seja o deslocamento de ativistas do Hip Hop pelos bairros, vilas e favelas fortalecem os vínculos dentro do próprio bairro e para além dele. Por dentro do bairro ele legitima e engaja os ativistas para subsidiar políticas públicas das mais diversas esferas, fazendo com que sejam vistos e reconhecidos como agentes de transformação social pelos moradores e pelo poder local. Tanto pelas suas trajetórias individuais de vida, bem como pela pauta coletiva e social que carregam através do Hip Hop. Para além do bairro porque esses mesmos ativistas que fortalecem seus locais e percursos com os eventos ao trazerem pessoas de outras localidades, quando saem e são convidados a participar de outros eventos tendo seus nomes publicizados, eles também se fortalecem nesses locais com os quais se articulam. Tem a ver com o prestígio de ser convidado e aceitar o convite, o que pode garantir que aquele que hoje é convidado amanhã pode convidar e ter seu convite aceito, fortalecendo o seu evento como já mencionado.

Outro ponto é que através dessa circulação de ativistas e do público, materializam uma política de realização e transfiguração através da música. Quando os rappers estão cantando eles expressam um mundo real (racista e desigual) e utópico (livre do racismo e desigualdades sociais), onde seria possível ser escutado e compreendido. Construindo assim as bases para a luta por melhorias em suas comunidades e por uma sociedade anti-racista e mais igualitária.

2.3 Batalha

Na década passada os rappers adeptos dos duelos de free-style ou estilo livre começaram a se organizarem em eventos de batalhas. Hoje as batalhas de rimas alcançaram dimensões nacionais, com campeonatos e

seletivas por todas as regiões do Brasil. Acompanhando alguns eventos de batalhas e as redes sociais onde elas são divulgadas, podemos perceber que existem dois tipos de batalhas de rimas: Batalhas de sangue e batalhas do conhecimento. A Batalha de sangue caracteriza-se como um espaço de duelo onde dois rappers disputam a vitória se provocando mutuamente, de maneira que o público escolhe o rapper que conseguiu se destacar. Geralmente as batalhas de sangue ocorrem em dois *rounds* de 40 segundos, em caso de empate é feito um terceiro *round* para desempatar a batalha.

A Batalha do Mercado é uma referência para este estilo de batalha, segue abaixo a descrição desta batalha em seu perfil no facebook¹².

A Batalha do Mercado é uma Batalha de MCs que ocorre todo o último sábado do mês a partir das 21h, próximo ao Mercado Público no centro de Porto Alegre (em frente a Praça XV - Largo Glênio Peres).

As inscrições são gratuitas e ocorrem das 20h30 até às 20h50 onde TODOS os MCs poderão se inscrever, porém destes e através de um sorteio antes de iniciar a batalha apenas 8 ou 16 MC's são selecionados.

Os MC's possuem 40 segundos a capela para "atacar" e "responder" através da improvisação e o vencedor é o público que escolhe fazendo barulho para a melhor rima; Onde o barulho for maior para determinada pessoa a mesma vence o round. São dois rounds por batalha, e só haverá um terceiro(último) round em caso de empate.

O vencedor final leva uma ou mais premiação pela vitória!

Esta atividade reúne desde Dezembro/2011 diversos adeptos e agentes da cultura Hip Hop do Rio Grande do Sul. SANGUE! SANGUE! SANGUE!



Imagem 7 Perfil no facebook da Batalha no Mercado.

¹² Endereço do perfil no facebook: <https://www.facebook.com/batalhadomercado/>



Imagem 8 Logotipo da Batalha do Mercado.

No perfil da Batalha do Mercado é possível acompanhar as edições que já aconteceram e que ainda vão acontecer. São divulgadas outras batalhas no RS e em demais estados do País, os campeonatos de dimensão estadual e nacional. O que nos mostra um circuito muito bem estruturado, garantindo um fluxo de rimadores e rimadoras de batalhas. No perfil são oferecidos produtos relacionados ao evento, como camisetas e canecas.

Diferente da batalha de sangue, onde vence quem consegue atacar e se defender melhor, a batalha do conhecimento é um espaço de disputa onde vence quem consegue refletir, de maneira a cativar o público do evento, um tema estabelecido pela organização da batalha. Se o tema for cidadania, por exemplo, vencerá quem apresentar o tema, ali na improvisação, sendo preferido pelo público presente. Pode ser um tema livre. Nesse sentido é relevante frisar que nas batalhas de conhecimento é frequente ver os participantes dialogando de modo a complementar a fala de um e do outro, produzindo um acúmulo de conhecimento sobre o tema proposto, escapando de uma posição discursiva mais agressiva em termos competitivos. Isso não quer dizer que as rimas nas batalhas de sangue não apresentem um diálogo menos conflituoso, mas nas batalhas de conhecimento a crítica expressa na rima deixa de desqualificar o seu ou a sua oponente e passa a criticar o sistema que envolvem a realidade dos e das rimadoras. É nesse ponto onde o conhecimento de vida do público rimador se expressa de uma forma mais contundente, problematizando o racismo cotidiano, o desemprego, a criminalização, o genocídio e todo tipo de opressão a que estão submetidos,

evidenciados também na repressão do Estado e na precarização dos serviços públicos básicos a que são negados como saúde, educação, moradia, saneamento básico, transporte entre outros.

As batalhas atualmente podem ser percebidas como uma das grandes portas de entrada e de iniciação na cultura Hip Hop. Elas mobilizam não somente quem compete, e sim, todo um público presente. É comum ver grupos de jovens rimando antes, durante e depois dos eventos de batalhas, sem necessariamente estarem competindo nelas, onde prevalece o estilo livre não necessariamente de sangue e nem de conhecimento. As batalhas geralmente ocorrem em espaços públicos abertos, como largos, praças e viadutos.

Nesses dois anos de pesquisa não presenciei e nem ouvi relatos de brigas, ou assaltos nesses eventos. Tal dado mostra como as batalhas são territórios da cultura da paz, movimentando espaços da cidade, tornando-os mais diversos, inclusivos e seguros. A batalha enquanto uma escola de rua ensina que mesmo em uma competição o respeito ao outro deve prevalecer, o que é dito na batalha fica na batalha e na experiência e na memória de quem rima e escuta.

2.4 Slam e Sarau

Diferentemente das batalhas um dado que de longe chama a atenção é a grande presença de mulheres nos Slams. O Slam é um espaço de expressão de poesias, competitivo, mas não na forma de um duelo ou de uma batalha convencional. São declamadas poesias autorais, que podem ser escritas ou improvisadas. Podemos questionar se o Slam seria uma expressão dentro do elemento rap. Provavelmente não, mas dialoga e garante um fluxo de rimadores e rimadoras nesses espaços. Para efeito desta descrição o interessante é destacar essa manifestação como um espaço de expressão de uma literatura marginal não se limitando ao um determinado estilo.

O Sarau estaria na mesma perspectiva do Slam, de criar um espaço de livre expressão de manifestações culturais diversas e literatura marginal. É aí que entra o Hip Hop. O Sarau Livre Pensamento¹³ é um sarau construído a partir de um coletivo de ativistas do Hip Hop, de praticantes de slack line entre outros. Localizado no município de Canoas na região metropolitana de Porto Alegre. Como diz a descrição do Sarau em seu perfil no facebook:

O sarau de poesia livre pensamento deu inicio no segundo semestre de 2016, esta sendo realizado todo segundo domingo de cada mês no parque Eduardo Gomes na cidade de Canoas. Músicos, artistas, artesãos, ativistas da cultura, colaboradores e pessoas ligadas ao esporte tem se encontrado nesse espaço.

Podemos dizer que o projeto Sarau Livre Pensamento tem se tornado

¹³ Pagina do perfil no facebook: <https://www.facebook.com/SarauLivrePensamento/>

um ponto de encontro para fomentar a literatura, poesias, ideias, músicas, artesanato e o esporte, proporcionando lazer e cultura de forma gratuita nos espaços públicos da cidade.

Idealizado por jovens envolvidos com o esporte e a cultura hip hop o Sarau reuni doações de livros, oficina de penteados afros, mostra de hip hop e poesias, workshop e prática do slack line além do artesanato que contribui com a economia solidaria e criativa.

O projeto Sarau Livre Pensamento, conta com o apoio das seguintes entidades; Associação Canoense de Hip Hop, Associação Canoense do Slack Line, Neoô Produtora independente, Tyedélic artesanato e confecções e Instituto Observatório Urbano.

No II Seminário do Hip Hop na UFRGS realizado em novembro de 2016, o Sarau Livre Pensamento participou de uma atividade em frente a Faculdade de Direito, em meio as ocupações que aconteciam na Universidade naquele momento. Mano Oxi¹⁴ integrante da banda de rap DNA Mcs (Dinastia Negra Absoluta), do Sarau Livre Pensamento e do Sarau Afro Guetto Urbano¹⁵ foi um dos organizadores dessa atividade, convidando rappers, poetas, poetisas, abrindo o microfone para quem quisesse se expressar.

O sarau e o slam dão visibilidade e operam como espaços de circulação, divulgação e expressão de diversos grupos, ativistas, e quem mais se sentir a vontade para expressar uma poesia, um pensamento, uma ideia, enfim. Embora os saraus não sejam protagonizados somente por ativistas do Hip Hop, eles demonstram as diversas articulações que o movimento Hip Hop forma e estabelece, possibilitando o encontro e a troca entre movimentos diferentes.

2.5 Cypher

Se nas batalhas, slams e saraus grosso modo a expressividade se dá individualmente ou em grupos, na Cypher temos uma forma de expressão onde rappers de diferentes grupos ou de carreira solo cantam de maneira a compor uma música só. Cada um canta a sua parte e assim nasce uma Cypher. No início de 2017 a CYPHER - Seleção Gaúcha da Rima¹⁶ reuniu nomes reconhecidos da cultura Hip Hop em Porto Alegre como Tiry, Spaw, Hantaru,

¹⁴ O trabalho de conclusão de Curso defendido no curso de Ciências Sociais da UFRGS de Sabrina Leal da Rosa (2010), aborda a trajetória do Mano Oxi em uma organização do Hip Hop nos anos 2000.

¹⁵ Página do perfil no facebook: <https://www.facebook.com/afroguetourbano/>

¹⁶ Ver em <https://www.youtube.com/watch?v=jGWTBlcVqls>

Branco, Baya, Biscoito, Nitro Di. Nela rappers dos grupos BFN, Afrocalypse, RP3, Sintomas Cla, Da Guedes se somam cada um cantando suas rimas tendo como produto final um vídeo clip lançado no canal youtube. No final da cypher o rapper Nitro Di da banda Da Guedes manda a sua rima e canta o seguinte verso: *“Na moral meu irmão não é choque de geração, o que vocês chamam de cypher agora, pra nós da antiga era uma junção.”* A palavra junção, expressa por Nitro Di, seria por tanto uma tradução mais apropriada para o termo cypher. Ela não remeteria a um conflito geracional, pelo contrário mostra a atualização e o diálogo com termos que estão operando na cultura Hip Hop. A cypher ou junção expressa junto das batalhas, slams e saraus não somente rimas, mas une diversos artistas e movimentos artísticos e culturais que tem em comum a vivencia nas ruas e em espaços periféricos da cidade. São espaços do rap e também do break, embora esse último não tenha sido citado, mas que assim como o rap o break também possui um calendário forte a nível local, estadual e nacional. Alguns possuem corte de gênero, fortalecendo a participação das mulheres nesses espaços.

Assim como o Ensaio de Rua Rs, as batalhas, slams, saraus, e cyphers estão trabalhando na possibilidade de construir espaços de visibilidade e coletividade a partir de suas próprias motivações e lógicas de organização coletiva. Se efetivando na prática como políticas de realização, e transfiguração (HALL,2003) que territorializam (mesmo que de forma sazonal) espaços públicos como parques, escolas, viadutos, largos, praças e também as redes sociais.

Capítulo 3: O Hip Hop e a Universidade: Por uma Universidade Diversa

3.1 Seminário de Hip Hop na UFRGS

Ao longo dos últimos anos tivemos teses, dissertações e monografias de graduação sobre o Hip Hop em Porto Alegre sendo defendidos na UFRGS e em outras universidades. Apesar de haver considerável produção acadêmica, não havia um espaço de debate acerca desses trabalhos, bem como do próprio Movimento Hip Hop nas universidades. O que havia, e ainda há, são convites para apresentações em eventos estudantis e acadêmicos, mas sempre enfocando o lado cultural e artístico do Hip Hop. Em outras palavras, não há um espaço de debate específico nas Ciências Sociais sobre e com o Movimento Hip Hop, diferentemente de outras áreas do conhecimento como antropologia indígena, sociologia do trabalho, análise de discurso (Ciência Política), etc.

Tomando como dado essa inexistência presente nos dias de hoje, de um espaço acadêmico para refletir e construir relações entre a academia e o Movimento Hip Hop em Porto Alegre, é que foi pensado e proposto um seminário sobre o Hip Hop na UFRGS no ano de 2015. O seminário surgiu em uma conversa entre eu o rapper Dano em sua residência na Vila Vale do Verde localizada no bairro Mario Quintana, extremo norte da cidade. A proposta, pensada em julho de 2015, basicamente consistia em reunir os e as pesquisadoras envolvidas com o tema e os respectivos coletivos do Hip Hop com quem trabalharam e trabalham.

Em suma, seria um espaço de encontro entre acadêmicos e ativistas do Movimento Hip Hop para tratar pontualmente dessa relação entre academia e movimento dando visibilidade para o Movimento Hip Hop na UFRGS no contexto das Ações Afirmativas (AA). O foco era discorrer sobre o Quinto Elemento, que é o elemento do conhecimento para o Hip Hop, fazendo uma ponte entre conhecimento acadêmico e conhecimento produzido pelo Movimento. É importante ressaltar o protagonismo do Hip Hop na construção e

disputa de uma agenda por Ações Afirmativas na UFRGS. Desde a fundação do Grupo de Trabalho Ações Afirmativas na UFRGS (GTAA), no final do ano de 2004, até a aprovação das AAs na UFRGS em junho de 2007, o Movimento Hip Hop se fez presente com seu ativismo. Ou seja, o seminário também tinha esse caráter de reconhecer a importância do Hip Hop na formulação e implementação de políticas de Ações Afirmativas na UFRGS.

A articulação que construiu o seminário era formada por membros dos seguintes coletivos: Ong Sociedade Vila dos Eucaliptos (SUVE), Ponto de Cultura de A a Z e o Instituto Parrhesia. A Ong SUVE¹⁷ está sediada na Vila dos Eucaliptos, bairro Mário Quintana, extremo norte de Porto Alegre/RS. A SUVE é uma organização não-governamental atuando na área artística cultural, entre outros temas pertinentes a Vila dos Eucaliptos e também no bairro Mario Quintana. A SUVE mantém uma creche comunitária, o Ponto de Cultura de A a Z, onde fica uma ilha de edição de áudio e imagem, e equipamentos (como palco móvel, caixas de som, e demais equipamentos para produção de eventos como shows).

Neste trabalho, se envolveram Renato e seu filho Mário Marques. Renato atua na região há mais de 20 anos como ativista comunitário na Vila Eucaliptos. Mário é Dj, atua assim como seu pai, na comunidade e no Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho, e estuda Arquivologia na UFRGS. Também pela SUVE estava participando da construção do seminário o rapper/Mc Dano, conhecido como Nego Dano, ou Adriano. Dano, como já dito anteriormente, foi quem me apresentou o movimento Hip Hop de Porto Alegre, juntamente com o Duda, e o Zig ambos Mcs e grafiteiros, quando os três formavam o grupo fita d'Favela na década passada.

O Instituto Parrhesia Erga Omnes¹⁸, foi fundado com o objetivo de trazer o debate da liberdade de expressão com enfoque nos direitos humanos. Foi fundado pelo Sinistro, que é um egresso do sistema carcerário. Sinistro se inseriu em um projeto de oficinas de rap no presídio onde cumpria pena. Ele foi se destacando no projeto, assim como outros presidiários. Quando saiu da

¹⁷ O site da Ong SUVE é <http://ongsuve.blogspot.com.br/>

¹⁸ O site do Instituto Parrhesia <http://www.parrhesia.org.br/>

prisão fundou o Instituto Parrhesia, que significa liberdade de expressão em grego.

Como consta na página virtual da Parrhesia “nosso Instituto tem em seu estatuto difundir a **"PARRHESIA"**, "Liberdade de Expressão", utilizando a internet e as redes sociais através do RAP e da Cultura Hip Hop promovendo, Inserção e Reinserção Social, Acessibilidade, e Redução de Danos, e ainda: Propagar e Lutar pelos Direitos Constitucionais e Direitos Humanos, Educação, Justiça e Paz.

Junto da Ong SUVE e do Instituto Parrhesia estiveram envolvidos o rapper Px do bairro Bom Jesus, e o rapper Péh do Fórum de Hip Hop de Viamão. O rapper Px da 470 (número da linha de ônibus do bairro Bom Jesus) participa do movimento Hip Hop de Porto Alegre desde a década de 1990. Ele participou do GTAA no contexto da disputa pelas Ações Afirmativas na UFRGS, e da organização do Encontro Nacional da Juventude Negra em 2006, só para citar algumas das diversas atividades onde Px atuou pelo Hip Hop e que estavam envolvidas diretamente com a universidade.

Péh é rapper, artista plástico e estudante do curso de Ciências Sociais da UFRGS. Mora no município de Viamão, no bairro Santa Isabel, atua como oficineiro de rap em organizações comunitárias, e equipamentos públicos ligados a área de saúde e educação. Também produz músicas como integrante do grupo Front LR¹⁹. Não sei precisar atualmente quem são os outros integrantes do grupo, mas é interessante destacar que o grupo se conecta com rappers de outras cidades e países, entres eles Chile²⁰ e Angola²¹.

No encontro dos referidos coletivos e rappers foi possível imaginar e organizar o seminário. Foram realizadas quatro reuniões para a construção do seminário. A primeira foi no Instituto Parrhesia e contou com a presença de membros da Ong SUVE, o rapper Px e eu. Nessa reunião definimos uma programação extensa de quatro dias. Porém, como o tempo foi diminuindo e o

¹⁹ Front LR – Maioridade - música contra a redução da maioria penal no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bSAGfipixKY>

²⁰ Voces Clandestinas & Front LR – Guerra Social Conexão Brasil Chile. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X3Cn8sSYsm8>

²¹ Tribo Sul & Front LR – Nossa Terra Sangra – Anarco Rap – Epidemia Rap. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bXhGWDYCN4Y>

evento se aproximava, não conseguimos articular uma programação de tantos dias. Na realidade é que estávamos organizando um evento enquanto aconteciam as atividades da IX Semana Municipal do Hip Hop de Porto Alegre. Decidimos então realizar o evento em um só dia, contemplando o turno da tarde e da noite. Fizemos uma reunião com o Pro-Reitor da PRAE (Pró Reitoria de Assuntos Estudantis). Nessa reunião o Pró-reitor se comprometeu em reservar a sala 102 na Faculdade de Educação (FACED) e fornecer a impressão de mil panfletos.

Eu fiquei responsável por articular a parte acadêmica do seminário. A tarefa consistia em contatar os e as estudantes que escreveram trabalhos no tema, entre outras demandas. Nesse trabalho também estava comigo o Mário, estudante de Arquivologia e que faz parte da Ong Suve. A parte responsável por articular ativistas do Movimento Hip Hop ficou por conta do Dano e do Sinistro da Parhesia. O Sinistro e o Mário produziram a arte do folder do seminário. Com a sala na FACED reservada, o material de divulgação finalizado e impresso era a hora de fechar os últimos detalhes e focar na divulgação. O Mário criou o evento no facebook onde as informações eram atualizadas e as pessoas convidadas iam confirmando ou não a sua presença

Seminário
Hip Hop
na
Universidade
Construindo Conhecimento 5º Elemento
Dia 11 de Setembro
A partir das 14:00hs
Sala 101 da FACED

Realização

Ponto de Cultura
Cultura do A a Z

ONG SUVE
sociedade União Viva dos Estudantes

Parhesia
www.parhesia.org.br

Ponto de Cultura
Estação Primavera

Apoio

PRAE
PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FORUM PERMANENTE DO HIP HOP EDUCAR

forum social mundial 15 ANOS

Cobertura

ArteTV

ROP

e davam sua opinião sobre o que era postado no evento.

Figura nº 6 Capa do Material de divulgação do Seminário

<p><u>Apresentação de Trabalho</u> Ensino, Pesquisa e Extensão</p> <p>Diogo Raul Zanin Movimento Hip Hop: Sociabilizando Africanidades em Porto Alegre.</p> <p>Cássio de Albuquerque Maffioletti Retomando a nossa esquina: o movimento hip hop e suas formas de fazer política em Porto Alegre.</p> <p>Jose Luis Abalos Junior Jogando com Mcs: Identidade, estilos de vida e performance em uma experiência etnográfica na Batalha do Mercado.</p> <p>Tuany Flesch Pereira As Narrativas Urbanas (Rap) e o Conceito Ampliado de Saúde</p> <p>Orlando Vitor Noal Neto - Clementine Marechal Provas Ilícitas e Nulidades vs Parrhesia Erga Omnes</p> <p>Sabrina Leal da Rosa Aprendizagem democrática e participação política: O caso da Nação Hip Hop Brasil em Porto Alegre</p> <p>14:00 às 16:30</p> <p><u>Debate/ Roda de Conversa</u> O Hip Hop na UFRGS</p> <ul style="list-style-type: none">- Expansão do hip hop na Universidade;- Hip Hop na UFRGS no contexto das Ações Afirmativas;- Fortalecimento da Cultura Hip Hop em âmbito Acadêmico; <p>16:45 às 18:00</p>	<p><u>Microfone Aberto, Apresentação, Intervenção.</u></p> <p>18:00 às 19:00</p> <p><u>Pocket Shows</u></p> <ul style="list-style-type: none">* Alvo X* D'Rua* Front LR* Hard Queens* Mc dos Vales* Nego Joca* Tampa Ditetos <p>20:00 às 21:30</p> <p><u>Encerramento</u></p> <p>22:00</p>
--	--

Figura nº 7 Verso do material de divulgação do Seminário

A programação iniciou com apresentações de trabalho, todos se fizeram presentes, somente a Sabrina²² não conseguiu participar. O evento seguiu em um debate sobre o Hip Hop na UFRGS no contexto das Ações Afirmativas. Também houve espaço para qualquer grupo ou pessoa se manifestar através de um microfone aberto, e a atividade teve como desfecho final as apresentações do trabalho musical de rappers.

22 Sabrina apresentou TCC na UFRGS em Ciência Sociais sobre o Hip Hop Aprendizagem democrática e participação política : o caso da Nação Hip Hop Brasil em Porto Alegre. 2010. 58 f

O Evento foi programado para o dia 11 de setembro a partir das 14 horas da tarde como havíamos proposto. Quando eu cheguei na sala 102 da FAGED o Dano, o Mário e o Renato da Ong SUVE já estavam montando a estrutura sonora do evento que trouxeram do bairro Mario Quintana.

Por motivos de atraso dos e das apresentadoras a primeira parte do seminário iniciou com quarenta e cinco minutos de atraso. Quem iniciou foi o Junior²³ que escreveu sobre a Batalha do Mercado e defendeu seu trabalho no Departamento de Antropologia da UFRGS. Junior não trouxe nenhum rapper ou rimador, rimadora para apresentar o trabalho, e focou nas imagens produzidas no decorrer de seus percursos etnográficos. Depois dele eu me apresentei junto com o Dano. Eu início o trabalho contando quando decidi escrever sobre o Hip Hop a partir do problema étnico-racial, de como essa decisão se deu a partir da relação com o Movimento Negro da cidade no processo de disputa pela implementação das cotas na UFRGS. Dano foca sua fala na relação entre a UFRGS e as comunidades periféricas da região metropolitana da capital. Da importância das Cotas na Universidade e de como é ser um ativista negro que pode trabalhar para a educação antirracista no contexto acadêmico e nas comunidades.

Na sequência apresentou Cássio²⁴ Maffioletti. Cássio escreveu TCC e dissertação de Mestrado no Departamento de Antropologia da UFRGS. Ele também atua como Dj (Disc Jockey) tocando em festas, em grupos e como oficineiro em projetos sociais dentro do elemento Dj. Cássio é irmão do rapper Nitro Di. Cássio, ou Dj Péia apresentou sua dissertação de mestrado, cujo trabalho se deu por sua inserção no coletivo Ksulo no Bairro Bom Jesus junto ao rapper Px. Seu trabalho era sobre a retomada da Esquina Democrática, reduto que desde os anos 1980 é referencia para a população negra da cidade. É na Esquina Democrática, ou Esquina do Zaire, pois nessa encruzilhada entre as ruas dos Andradas e avenida Borges de Medeiros, que durante a copa do mundo de futebol de 1982 ativistas negros apoiaram a seleção do Zaire em seu jogo contra a seleção brasileira. Desde então essa esquina é percebida como

²³ Abalos Junior, José Luis. Jogando com MC's: identidade, estilos de vida e performance em uma experiência etnográfica na Batalha do Mercado. 2014. 59 f. : il

²⁴ Maffioletti, Cássio de Albuquerque. Retomando a nossa esquina : o movimento hip hop e suas formas de fazer política em Porto Alegre [manuscrito]. 2013. 112 f. : il.

um território negro no centro de Porto Alegre. Seu trabalho então mostrava como uma rede de rappers retoma a esquina como um ponto de referencia do movimento negro da cidade.

Depois apresentou a Tuany. Tuany se formou em Enfermagem na Faculdade Ritter dos Reis. Seu trabalho era sobre o discurso do rapper Eduardo (do grupo paulista, já extinto, Facção Central) em relação a saúde pública e as condições da saúde do povo brasileiro. Seu trabalho nos trouxe a realidade de quem necessita acessar o sistema único de saúde no Brasil, em especial na periferia de Porto Alegre, já que o tema abriu para comentários do público presente no evento.

Em um momento, já no final da primeira parte do evento referente a apresentação de trabalhos, o rapper Dano pede a palavra e começa a discorrer sobre a relação entre a academia e o movimento Hip Hop. Ele diz que não se percebe enquanto interlocutor e sim enquanto um autor dos trabalhos acadêmicos no qual participa. O termo interlocutor foi usado inúmeras vezes pelos pesquisadores presentes para se referir aos sujeitos que eles descreviam em seus trabalhos. Sinistro da Parhesia também se posiciona nesse sentido de pensar uma autoria, mais do que uma interlocução. Nesse sentido fiquei me questionando afinal como eu percebo os protagonistas com quem trabalho e cujo acolhimento tornam viável conhecer um pouco do Movimento Hip Hop em Porto Alegre. Mais do que isso, essa reflexão trava um debate sobre a relação entre pessoas que o conhecimento acadêmico, especificamente a antropologia produz.

A posição exposta na fala do rapper Dano apontou para uma perspectiva autêntica que balize as relações entre os protagonistas do movimento Hip Hop e os protagonistas das distintas áreas do conhecimento científico. Em outras palavras o que estava em jogo ali também era a relação mais íntima que se forma no diálogo entre os sujeitos que atuam a partir do movimento e também da academia. Era como se o termo interlocutor soasse frio. Como se o termo não desse mais conta da complexidade que essas relações estão imersas e o que elas produzem, constroem e desconstroem. Não seria apenas falar de constituição de vínculos, de amizade que surgem ao decorrer desses

processos, e sim do reconhecimento e fomento de uma autenticidade, onde a imaginação antropológica não necessita estar em busca permanente de elocubrações originais, e de uma afirmação da autoridade do discurso antropológico sobre o espaço pesquisado. Talvez, no contexto atual, seja mais relevante potencializar as trajetórias e perspectivas de quem está no movimento social, no caso o Hip Hop. Em resumo trata-se de perceber o sujeito protagonista do movimento como autor, um autor, um conhecedor da cultura Hip Hop, que transmite conhecimento, um Griô (quinto elemento).

Depois de encerrada as apresentações fizemos um breve intervalo e iniciamos o debate acerca do Hip Hop e a Universidade. No debate, Px (rapper do bairro Bom Jesus) contextualiza com alguns fatos a história recente do Hip Hop em Porto Alegre e lembra da década passada, quando se encontravam na esquina democrática ou esquina do Zaire. Ele lembra que naquele contexto havia muita produção, mas não havia uma rede de lojas, de rádios, encontros etc, para circular essa produção, se tratavam de *“navios encalhados, sem um mar”*. Nesse sentido, para o Px o facebook operaria na atualidade como esse *mar* que facilita a comunicação e divulgação dos trabalhos produzidos pelo Hip Hop na região. Como no debate não foi nenhum representante da administração da UFRGS, este ficou restrito aos estudantes e o movimento Hip Hop.

Na sequencia, a Vanessa, que faz parte do grupo de rap Hard Queens, pede para cantar. Eu digo que faltam dez minutos para terminarmos o espaço do debate e começarmos as apresentações, eu lembro também que a atividade começou com 45 minutos de atraso. Ela aceita a explicação, fica mais uns dez minutos e vai embora. Px pede o microfone e diz que o público quer cantar e curtir as apresentações, diante desse quadro, partimos para a última etapa do Seminário. Depois do evento eu fico sabendo que a Vanessa teria que ir embora mais cedo e acabou indo embora sem cantar. Eu fico sem palavras e pensando que a situação que aconteceu com ela não deve ocorrer em um próximo evento, refleti de forma autocrítica que faltou sensibilidade para lidar com a situação e contemplar a rapper que estava ali, ainda mais que não é tão frequente bandas de rap de mulheres participando dos eventos de hip hop.

Existe sim uma crítica em relação às questões de gênero no Hip Hop, no caso a relação entre homens e mulheres no movimento.

Depois deste acontecimento encerramos o debate e começaram os shows. É aí que foi formado o *bang*. O bang é quando as pessoas se encontram para fazer alguma atividade, no caso do Hip Hop está ligada à alguma atividade do movimento. Também é frequente em eventos do Hip Hop aparecer algum grupo que não estava na programação, mas que vai para o evento e tenta tocar alguma música. Os rappers levam um pen drive com as batidas e aí o dj sincroniza com o equipamento sonoro para que o rapper possa fazer sua performance. No caso apresentado, destaco o estudante de Agronomia da UFRGS do Benin, Kadir, que faz rap e conseguiu tocar duas músicas. Geralmente assim como Kadir os rappers encontram espaço para tocar suas músicas. Durante a apresentação a maioria das pessoas ficou de pé dançando embalados pelas batidas sonoras que vibravam dentro da FACED. O Mc dos Vales, que é da cidade de Rio Pardo, veio a Porto Alegre especialmente para participar do evento e por isso ganhou um tempo considerável para fazer sua apresentação que foi prestigiada pelo público presente.

Depois de encerrados os shows, guardamos os equipamentos. Vários integrantes do movimento aproveitaram que estavam juntos em uma sexta-feira a noite e se dirigiram a um evento de rap que iria acontecer nas mediações da avenida Oswaldo Aranha, a ideia era entrar na festa, aproveitar e se possível tocar alguma música. Eu acabei não indo na festa, apenas os acompanhei até uma parte do caminho. Me despedi e me desloquei para casa, já cansado mas realizado pelo evento concretizado.

A segunda edição do Seminário de Hip Hop na UFRGS ocorreu em novembro de 2016. Foi basicamente organizado pelas mesmas pessoas que propuseram a primeira edição, com a adesão da Mariana, estudante do curso de Ciências Sociais nessa Universidade. A proposta do seminário foi para ser de dois dias, culminando com uma festa de encerramento. Levando em consideração a avaliação do primeiro seminário, onde foi colocada a questão de fazer em um local aberto dando maior visibilidade para o evento, foi

planejado uso de espaços externos no interior do Campus Central. Porém resolvemos realizar o seminário no Museu da Universidade. O Dano articulando a participação de membros do Hip Hop vindo da região metropolitana de Porto Alegre e também dos municípios de Pelotas e Santa Maria. A UFPel cedeu um ônibus que levou ativistas do movimento Hip Hop de Pelotas e estudantes para o seminário, Além de Pelotas estiveram presentes ativistas de Caxias do Sul e Canoas. No último dia do evento estivemos reunidos com a coordenadora da Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da UFRGS (CAF) para abrimos um diálogo para a elaboração de um projeto de extensão com o Hip Hop e a Universidade visando uma maior aproximação das AAs nos bairros periféricos e vilas da cidade divulgando o programa de Ações Afirmativas da Universidade.

3.2 A luta pelo Acesso e Permanência de Política de Ações Afirmativas

O rapper Dano tem a perspectiva de voltar a frequentar um curso universitário. Mas mesmo com a implementação das AAs nas universidades públicas brasileiras ele ainda não conseguiu efetivar esse projeto. Abaixo, apresento entrevista com Dano onde é possível observar a contradição entre conquista de direitos e o não usufruto dos mesmos.

Diogo: tu chegou a estudar na FAPA um tempo né?

Dano: estudei dois, três semestres quase, de história. E aí abandonei pelo seguinte, eu queria uma universidade que não fosse paga, entendeu, acho injusto no caso o cara pagar pela educação, mas é a questão de um ponto de vista.

Diogo: E aí no caso lá na FAPA como que era, por que tu quis fazer história? Como tu te sentia lá? Não tinha ações afirmativas na tua época?

Dano: em uma universidade particular não existe ações afirmativas, existe ação capital, ou tu tem dinheiro ou tu não tem dinheiro pra estudar, entendeu, é isso aí que barra vários. E a universidade pública, o vestibular é excludente cara, e pra tu chegar ali e passar no vestibular, eu várias vezes arranhei para conseguir a vaga no vestibular formal da universidade federal, e eu fica pensando assim a educação que eu tive nas escolas públicas que eu estudei não preparava pra isso (vestibular).

Diogo: e em relação as ações afirmativas tu tens alguma coisa a dizer?

Dano: A ação afirmativa é importante, só que daí também tem um porém, eu vejo que ela chegou, existe, mas é muito aquém do que enquanto ação afirmativa deveria ter. Abriu portas sim pra alguns, mas pra grande maioria não. Continua na mesma, que nem sabe (a maioria) o que é ação afirmativa.

Diogo: tu participou do processo de implementação na ufrgs?

Dano: Participei, e vamos colocar um exemplo assim, eu to no bairro Mário Quintana, que eu conheço que eu saiba, dois ou três em um bairro com sessenta mil pessoas estão na universidade, e nesse processo divulgam as ações afirmativas, o resto das pinta (pessoas) nem sabem o que está acontecendo, nem sabe que hoje por tu ser pobre por ser preto ou branco, mas por ser de baixa renda que tu tens uma chance maior de entrar na universidade. Mas a grande maioria não sabe, por que não é divulgado, a própria universidade não tem interesse, o sistema não tem interesse que a população se empodere desse conhecimento, de saber e cobrar aqui

das próprias escolas da região que saiam preparadas pra isso.

É importante ressaltar, como já descrito na entrevista acima, que o Dano participou do processo de implementação do Programa de Ações Afirmativas na UFRGS. Naquele contexto havia uma efervescência de mobilizações da juventude negra no RS e no Brasil, aconteciam os Encontros da Juventude Negra (ENJUNE) estadual e nacional. Dano fazia parte do Grupo de Trabalho Ações Afirmativas (GTAA). Esse GT foi o instrumento construído pela comunidade universitária e os movimentos sociais favoráveis a implementação de reservas de vagas para pobres, negros e indígenas na UFRGS. Apesar de ter construído a luta pelas cotas na universidade e disputar a vaga em cursos como História e Ciências Sociais ainda não conseguiu ingressar. O que o Dano nos apresenta é um cenário que possibilitou o ingresso para alguns, mas que uma maioria ainda estaria excluída do processo de formação no ensino superior público brasileiro.

Em setembro de 2016 a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da UFRGS encaminhou ao Conselho Universitário uma proposta de separar o ingresso por ações afirmativas do acesso universal. Vários coletivos de estudantes negros, centros acadêmicos, casa de estudantes, se mobilizaram para barrar a proposta da PROGRAD, por entenderem que com essa medida um estudante concorrendo pela reserva de vagas, caso tivesse uma nota superior ao ponto de corte da reserva, não poderia mais entrar pelo acesso universal, o que na prática estabeleceria um teto de acesso para o público cotista. Eu informei ao Dano o que estava acontecendo e fomos no primeiro dia da ocupação do saguão da Reitoria. Além do Dano, apareceram o rapper Duda, que faz parte do GTAA e é membro do grupo D'Rua, e o rapper Espanto. Houve intervenções por parte dos três, principalmente do Dano e do Duda que relataram um pouco da experiência no GTAA há 10 anos atrás, e no final Dano falou “nenhum cotista a menos!”. Essa frase foi bem recebida pelo público presente na ocupação e foi repetido com muito entusiasmo.

Na imagem abaixo vemos o Dano observando Duda (de costas) mandar sua ideia.



Figura n 8 Dano e Duda na ocupação pró Cotas na reitoria da UFRGS.

3.3 É viável uma Antropologia do Estereótipo?

Em 1885 o diplomata e antropólogo haitiano Joseph Anténor Firmin lançava o livro *“Igualdade das Raças Humanas”*. O livro foi uma resposta aos quatro tomos escritos entre 1853 e 1855 por Joseph Arthur de Gobineau (conhecido também como Conde de Gobineau) intitulado *“Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas”*. Se a obra de Gobineau influenciou uma narrativa racista e colonialista, por outro lado a de Firmin inspirou ativistas como o cubano José Martí na luta contra o colonialismo europeu. Firmin contesta Gobineau demonstrando os equívocos na obra do francês, de que ele estaria se baseando em pressupostos que não condizem com a realidade e a história dos povos colocados como inferiores em relação aos povos no continente europeu, denunciando que o intelectual francês estava produzindo

um sistema de classificação racista, hierarquizando a relação entre os povos. O haitiano demonstra como os povos etíopes e demais povos africanos trouxeram relevantes contribuições para o desenvolvimento da humanidade, não restringindo essas contribuições ao continente europeu. Também questiona suas bases antropométricas e a biologização das diferenças entre os povos,

Recentemente Marshall Sahlins e Gananath Obeyesekere também protagonizaram um sério debate no meio acadêmico ao discorrerem sobre as motivações que levaram os nativos na polinésia a assassinar o Capitão Cook no século XVIII. Ele natural do Sri Lanka questiona o estadunidense Sahlins sobre uma suposta deificação de Cook, de que na realidade os nativos teriam outras motivações para assassina-lo, oferecendo assim uma outra narrativa para essa controvérsia, mas relacionada a luta contra o invasor estrangeiro.

Também o pesquisador palestino Edward Said provoca uma complexa reflexão a cerca do pensamento do famoso antropólogo francês Louis Dumont no que ele considera como Orientalismo. Said, nos mostra como através do discurso científico, considerado como verdade, se produzem discursos baseados em sistemas de oposição são uma aposta do colonizador para manter uma distância dos povos dominados.

E o que o debate entre os autores acima tem a ver com o Movimento Hip Hop? De uma maneira sintética, podemos pensar que o Hip Hop, como já exposto nos capítulos anteriores, produz uma narrativa e práticas que entram em choque de colisão ao discurso e práticas estereotipificadoras por parte do dominador branco. Nesse sentido a relação apresentada aqui ganha um sentido mais profundo quando percebemos que a Antropologia nos apresenta as mesmas possibilidades: a de reconhecer e de desconstruir todo o tipo de estereótipo que venha a ser usado contra qualquer grupo social, em qualquer parte do mundo. Se tomarmos isso como um dado então podemos nos fazer uma próxima pergunta: em termos de autocrítica seria possível a realização de uma Antropologia do Estereótipo? Como a Antropologia pode contribuir com os processos de desconstrução de narrativas perversas, tornando sua produção

de conhecimento útil para povos e grupos em processo de estigmatização pela sociedade que os coloniza e os oprime através de distinções hierarquizadas?

Como já foi analisado nos capítulos anteriores o bairro Mário Quintana e sua população é alvo de um complexo sistema de estereotipificação (HALL, 2010). Um morador ou moradora oriunda desse bairro sofre com a discriminação devido ao local onde reside, dificultando seu acesso ao emprego, a cidade, e diversos equipamentos públicos, como a inexistência de uma escola pública de ensino médio. Por tanto, quando fazemos um estudo que leve em consideração esse tipo de denuncia, que leve em conta a luta de povos historicamente explorados em perversas relações assimétricas de poder, onde o conhecimento científico tem a sua responsabilidade nesses processos de políticas excludentes como devemos nos posicionar?

Poderíamos pensar em muitos pontos de partida, como por exemplo a violência desproporcional por parte do aparato policial do Estado, que trata cidadãos pobres, negros e favelados como, diria a crítica do *rapper* Eduardo Taddeo “cidadãos de segunda Classe”. A precarização das relações de trabalho, a permanente política de remoção de famílias pobre e negras para áreas cada vez mais afastadas da cidade. Também poderíamos partir da defasagem educacional imposta aos filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras desses locais. No entanto seria fundamental também buscar perceber a solidariedade em meio ao caos, a luta dessas populações para trazer mais dignidade a suas famílias e seus vizinhos e territórios. Os estranhamentos e estratégias de sobrevivência que decorrem da relação desigual entre estudantes brancos e negros nos bancos escolares das universidades brasileiras mesmo no contexto das Ações Afirmativas.

Até que ponto a Antropologia, antropólogos e antropólogas estão dispostos a terem seus pontos de vistas questionados se for o caso? A mesma Antropologia que foi importante no contexto da Constituição Federal de 1988 aliada a movimentos indígenas e quilombolas, e da implementação de políticas de cotas nas universidades públicas brasileiras, mesmo que uma parte da classe de antropólogos tenha se posicionado contra tais políticas, talvez por

corroborar com os mesmos estereótipos baseados em teorias racialistas do século XIX?

Como estão sendo recebidos antropólogos e antropólogas negros e indígenas formadas em nossas universidades? São perguntas que não necessariamente precisam de uma resposta pronta e fechada, como se fosse um dado óbvio em que pesquisadores e pesquisadoras da área diriam alto e bom tom que estão recebendo de forma igualitária e inclusiva esse público. Quando na verdade os ruídos nos corredores demonstram que estamos diante de um complexo quadro de disputa por saber e a legitimidade que deriva disso. Não se trata de fazer acusações, de dizer quem seria anti-colonial ou colonialista. Seria um dos desafios de hoje em dia nos permitirmos refletir, levando a sério, se realmente entendemos que as Ações Afirmativas fazem parte de um conjunto de instrumentos que tem como objetivo central reparar a dívida histórica que o estado brasileiro possui com negros, indígenas e pobres promovendo sua inclusão em setores de poder até então fechados. Ou, se não aceitamos a reparação dessa dívida, por considerar que ela não existe, ou que não seria a forma mais adequada para equacionar as desigualdades. Aposto na posição anterior, de reconhecer a dívida, e potencializar a pauta dos movimentos em busca dessa reparação, somando na luta sem se posicionar como vanguarda. Estamos em um contexto onde o movimento negro conseguiu implementar leis de reparação, tais como Ações Afirmativas nas universidades e no funcionalismo público brasileiro. Essas leis foram possíveis através de um longo caminho percorrido no Brasil e no mundo através da participação e do protagonismo em conferências e tratados internacionais, ratificados pelo País, tal como a Declaração de Durban²⁵ e a Convenção 169 da OIT²⁶. O que pode potencializar essa relação entre universidade e movimentos sociais que lutam e conquistaram direitos a reparações é um diálogo mais cotidiano e menos eventual, onde as partes possam construir uma política de reparação que atendam as demandas dos movimentos e das

²⁵ http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_durban.pdf

²⁶ <https://www.oas.org/dil/port/1989%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20Povos%20Ind%C3%ADgenas%20e%20Tribais%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20OIT%20n%C2%BA%20169.pdf>

instituições públicas de ensino superior, quebrando a distância (estereotipada) entre saber não acadêmico e saber acadêmico.

Considerações Finais

O presente trabalho pretendia em sua fase inicial trazer contribuições a respeito do quinto elemento – o elemento do conhecimento, e sua relação com o pensamento negro. O tempo foi passando e este trabalho migrou de uma problematização do quinto elemento para outra, que se refere mais a relação entre ativistas do movimento Hip Hop de um bairro da cidade com outros grupos e ativistas de outros bairros da cidade, com o poder público, e com a universidade, a partir de espaços construídos por esses mesmos ativistas.

O uso das redes sociais como o facebook se mostra como importante espaço de análise, ainda mais se levarmos em conta que para o caso do Hip Hop é possível encontrar um evento que aconteceu ou que vai ocorrer em algum espaço público pela cidade. No caso dessa dissertação foi mesclado na descrição sobre *batalhas*, *sarau*, *slam* e *cypher* experiências nos eventos e também o uso das redes sociais por esses coletivos que constroem tais eventos. Essas mesmas categorias *batalha*, *sarau*, *slam* e *cypher* devem ser entendidas como novas categorias êmicas, que junto a outros termos como *bang*, *embolamento*, *junção*, nos trazem noções de coletividade e movimento. Se referem a pertencimento, a solidariedade, e aos diversos fluxos que as compõem e por elas se atravessam.

O referencial teórico se configurou de modo a pensar a relação entre projeto, memória, diáspora negra e seus percursos, o que se mostrou interessante embora pudesse ser mais explorado. Muitos dados de pesquisa se perderam com a perda de um disco rígido do meu computador pessoal, o que de uma forma vez o trabalho voltar quase que no ponto zero da pesquisa, principalmente em relação a estruturar um novo sumário que pudesse compreender essa nova situação. Essa auto-crítica não serve como consolo, tão pouco “passa um pano” em eventuais equívocos, e sim uma constatação

de que as novas tecnologias virtuais como nuvens, e físicas como hd externo etc devem ser mais exploradas futuramente.

Embora os principais sujeitos deste trabalho sejam Dano e Chapa Halls é importante afirmar que a relação com outros rappers, b.boys e b.girls da cidade, região metropolitana e do RS contribuíram definitivamente para a conclusão dessa dissertação. Cito como exemplo o rapper Espanto. O Espanto poderia ter sido uma referencia central para este trabalho. Ele representa essa mobilidade que a cultura e movimento Hip Hop oportunizam a um jovem negro oriundo de um bairro de periferia. Pois não se trata aqui de uma mobilidade individual no sentido de classes sociais, e sim de pensar que através do Hip Hop ele circula por espaços e articula atividades para o seu bairro. Aliás, o que eu mais observei durante esses últimos dois anos foram os/as ativistas no Hip Hop articulando o movimento em favor de suas comunidades, trazendo atividades artísticas, culturais, produzindo seminários, se mobilizando junto com a comunidade na luta pelas políticas públicas.

Aproveitando a explanação sobre o *rapper* Espanto devo reconhecer também a importância do *rapper* Duda, o cara que me apresentou o Espanto. Quando eu defendi o TCC em 2010 na UFRGS, Duda foi o sujeito principal daquela monografia. Dialogando com o Duda pude aprofundar minha compreensão de alguns processos em andamento naquele contexto, como a luta por ações afirmativas, e a sua auto representação através do rap e do grafite. Embora nessa dissertação ele não tenha sido o foco no texto, ele continua sendo uma referencia fundamental, principalmente no quesito motivacional. Em alguns momentos pensei em desistir, mas sempre que tocava nesse assunto delicado com o Duda, ele primeiramente (Fora Temer) me escutava, depois compartilhava comigo os desafios cotidianos de sua vida, de sua trajetória. Em seu local de trabalho, na rua onde atua como guarda carros, garantindo a sobrevivência de seus dois filhos pequenos, Duda geralmente de forma humorada me apresenta soluções práticas, de uma profunda reflexividade, de alguém já calejado pelas intempéries da vida, mas que não desanda.

Além do Espanto e do Duda, destaco o Mano Oxi. O *rapper* havia se afastado da cena do *Hip Hop*. Porém foi no município de Canoas que Mano Oxi se reencontrou na cultura e no movimento *Hip Hop*. Sendo protagonista do Colegiado do Hip Hop de Canoas e agora reiniciando os trabalhos com a banda DNA MC's (Dinastia Negra Absoluta). Este dado é de extrema relevância pois assim como Duda, e Espanto, Mano Oxi não consegue viver sustentavelmente através do Hip Hop, trabalhando no setor da construção civil Oxi garante assim o sustento de sua família enquanto se rearticula no Hip Hop. Também é relevante destacar o retorno do Mano Oxi, da importância de estar em movimento, construindo em coletivo uma saída viável em uma perspectiva afrocentrada para as demandas colocadas.

O *Hip Hop* não conta somente com *rappers*, *b.boys*, *b.girls*, grafiteiros, grafiteiras e dj's. Há muitas pessoas que contribuem de maneira decisiva para o movimento. O Renato da Ong SUVE é uma referencia nesse sentido. Sempre disposto a somar na luta por políticas públicas na Vila Eucaliptos e no bairro Mário Quintana, Renato, pai do dj Mário é voz ativa do Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho. Seja mobilizando a comunidade ou emprestando sua estrutura sonora para eventos ligado ao Hip Hop, ao Funk, e outras expressões como o Samba e o Pagode, Renato cumpre um papel de liderança na comunidade e no FPHHG, sempre de forma acolhedora e contundente quando necessário.

Se eu fosse apontar um caminho futuro, algo que não consegui trazer pro texto e para a reflexão, chamaria atenção para as articulações tecidas atualmente por ativistas do *Hip Hop* junto a outros movimentos sociais. Estou me referindo os movimentos de luta por moradia. No bairro Mário Quintana pudemos observar a luta pela terra por parte de seus moradores. Essa luta é permanente! Então o que devemos estar atentos ao observarmos tais articulações? Uma proposta seria de analisarmos a articulação do Hip Hop nas ocupações dos movimentos por moradia como uma estratégia de territorialização a partir da cultura. A música, a dança, o grafite não está indo á toa para esses territórios. Não se trata apenas de levar entretenimento. Trata-se de levar um entretenimento qualificado, problematizador, que empodere o

público atingido. Que fundamente histórica e socialmente as ocupações com cultura e conhecimento sobre a realidade brasileira e mundial.

Eu vim de Porto Alegre para estudar Antropologia em Pelotas. Quando saí da capital eu não saí sozinho. Desde o início em conversas com o Dano, Duda entre outras pessoas ligadas ao Hip Hop fazíamos um diálogo sobre como potencializar a minha presença aqui em Pelotas em favor do movimento Hip Hop. Avalio que essa presença poderia ter sido mais potente, com a realização de atividades na UFPel por exemplo. Porém de uma forma geral avalio satisfatoriamente a relação estabelecida com ativistas do movimento Hip Hop em Porto Alegre e em Pelotas, embora essa última cidade não fosse meu foco de pesquisa considere relevante arriscar um envolvimento com o objetivo de fortalecer essa rede. Tanto que realizamos seminários e pudemos contar com a estrutura das universidades para mobilizar uma troca profunda entre essas duas cidades e a relação com as universidades. O movimento Hip Hop em Pelotas, através da Associação Hip Hop de Pelotas, está para sediar o seu primeiro seminário na UFPel neste ano de 2017, o que mostra a importância de atividades que envolvam movimentos sociais e as universidades. Há muito trabalho por se fazer e espero que de alguma forma ou de outra essa dissertação tenha contribuído para a visibilidade dos grupos e pessoas com quem trabalhei e talvez com alguma reflexão para o movimento Hip Hop e para a Antropologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, José Carlos Gomes dos. **No Território da Linha Cruzada: A Cosmopolítica afro-brasileira**. Ed. UFRGS. Porto Alegre. 126p. 2006
- BITTENCOURT JR. Iosvaldyr Carvalho. **Os Percursos do Negro em Porto Alegre: Territorialidade Negra Urbana**. Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre. Porto Alegre. 2010.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A Presença do Autor e a Pós Modernidade em Antropologia**. Novos Estudos CEBRAP, n.21, p. 133-157, 1988.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- COSTA, M. R. e MENEZES, J. **Os Territórios de Ação Política de Jovens do Movimento Hip-Hop**. REVISTA em Pauta. Volume 6 - Número 24 - Dezembro de 2009, 199-215.
- CUNHA, O. M. G. da. **Bonde do Mal: notas sobre território, cor, violência, e juventude numa favela do subúrbio carioca**. In: Rezende, C. B.;MAGGIE,Y. (org.). Raça como Retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **“Ser afetado”**. Tradução Paula Siqueira. Cadernos de Campo n. 13:155-161, 2005.
- FIRMIN, Joseph Anténor. **Igualdad de las Razas Humanas**. La Habana: Instituto Cubano Del Libro, 551p. 2013.
- FONSECA, Silvana Carvalho da. **Leituras da África e da afro descendência nas produções contemporâneas de Mc Kappa, Mc Valete e do Grupo Simples Rap´Ortagem / Silvana Carvalho da Fonseca**. – UFPE. Recife: O Autor, 2014. 104 f.: il.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. Ed. Ltcc 323 p. 1989.

GILROY, P. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro, ed. 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos. p. 427. 2001.

HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília:UNESCO, p. 434. 2003.

HALL, Stuart. Identidad cultural y diáspora / El espectáculo del “Otro”. In: **Sin garantías: trayectorias y problemáticas em estudios culturales**. Popayán; Lima; Bogotá; Quito: Enviñón editores; Instituto de Estudios Peruanos; Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar, Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.

INGOLD, Tim. Repensando o Animado, Reanimando o Pensamento. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 7, n. 2, p.10-25, jul./dex. 2013.

MAFFIOLETTI, C de A. **Retomando a Nossa Esquina. “O Movimento Hip Hop e suas formas de fazer política em Porto Alegre”**. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS.2013.

MARCON, F., SOUZA FILHO, F. Estilo de vida e atuação política de jovens do hip hop em Sergipe. **Revista de Antropologia** , São Paulo, USP, 2013, V. 56 nº 2.

MAY, Tim. Entrevista: métodos e processos In: **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. **O nascimento da Cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica**. Rio de Janeiro. Pallas; Universidade candido Mendes, 2003.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Desafios da antropologia brasileira**. Brasília: ABA, 2013.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean et. al. (orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROSA, Sabrina Leal da. Aprendizagem Democrática e Participação Política: O caso da Nação Hip Hop Brasil em Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso. IFCH/UFRGS. 2010.

SEGATO, Rita Laura. Em busca de um léxico para teorizar a experiência territorial contemporânea. **Série Antropologia 373**. Brasília: UNB, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993 (editado em nov. 1994).

SOARES, Mária Andréia dos Santos. “Na Base do Muque da Onda”. Estudo Etnográfico de performances entre Rappers da ALVO – Associação Cultura da Zona Norte de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS. 2007.

TELLA, Marco Aurélio Paz. **Sociabilidades e resistências: etnografando b boys em João Pessoa**. In: **Antropologia em novos campos de atuação...** Antropologia em Novos campos de Atuação: debates e tensões. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. **Capítulos 2 e 9 – “Trajetória individual e campo de possibilidades”; “Memória, identidade e projeto”**

ZANINI, Diogo Raul. **“Movimento Hip Hop: Sociabilizando Africanidades em Porto Alegre”**. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre, UFRGS/IFCH, 2010.